



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

galeria
CAPIBARIBE

CAC
CENTRO DE ARTES
E COMUNICAÇÃO

ONDE TERMINA A PINTURA?



Integram esta mostra, alunos e ex-alunos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Os artistas realizaram seus trabalhos e investigações durante o componente curricular de Pintura III, no semestre letivo de 2021.2, sob o comando de Bete Gouveia, professora do departamento de artes e também ex-discente do curso.

Recife, junho de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Onde termina a pintura? [livro eletrônico] /
organização Bete Gouveia, Gabriel Dionísio,
Leonardo Bertrand. -- 1. ed. -- Recife, PE :
Ed. dos Autores, 2022.
PDF.

Vários autores.
ISBN 978-65-00-51798-9

1. Arte brasileira 2. Pinturas I. Gouveia,
Bete. II. Dionísio, Gabriel. III. Bertrand,
Leonardo.

22-125541

CDD-709.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte brasileira : Exposições 709.81

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ONDE
TERMINA
A
PINTURA?



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



CAC
CENTRO DE ARTES
E COMUNICAÇÃO

A I K O H A T A Y A M A

A N N A C A R O L I N A

A N A P A U L A C R I S P I M

B E A T R I Z B A R R O S

C A R O L M O T A

D A V I A . C A S T I L H O

G A B R I E L D I O N Í S I O

I G O R C O S T A

L E O N A R D O B E R T R A N D

L E T H Í C I A M O N T E I R O

L U I Z G A B R I E L C A R D O N A

M A R C O N E M A L A Q U I A S

P A U L O A R R U D A

S H A V A N N A

e

B E T E G O U V E I A

Onde Termina a Pintura?

Em tempos de isolamento e reclusão, permeados pelo excesso de tecnologia digital, vivemos uma espécie de confinamento duplo se considerarmos que a desmesurada utilização dos meios eletrônicos tem efeito aprisionador.

Se por um lado a tecnologia se tornou um aparato facilitador para as nossas necessidades de comunicação, por outro, o seu efeito nocivo atua subliminarmente sobre nosso corpo e o nosso psiquismo, à medida em que nos acostumamos a acariciar uma superfície vítrea, a fixar longamente nossos olhos contra uma luz plana e fria, e a nos depararmos com uma enxurrada de imagens pasteurizadas e narcísicas a nos invadirem, sem muitas vezes nos darmos conta.

Nesse contexto, pensar a pintura equivale a pensar num contraponto; equivale a pensar no que há de mais natural em nós: nosso corpo e sua relação com o mundo, a heterogeneidade da superfície das coisas, a luminosidade variável da luz solar, o movimento da natureza, a potência de um intervalo entre o sim e o não, a ausência de uma presença da qual fala a pintura e até a própria invisualidade que também a constitui.

Se preparem para o fim, estas obras aqui presentes são as derradeiras pinturas, romperam com a estabilidade dos nossos universos poéticos individuais, arregaçaram tudo, incitaram o caos criativo das múltiplas imensidões particulares e tudo isso numa única (e última) disciplina.

Toda a dissidência poética, técnica e material está contida aqui juntamente com todas as igualmente improváveis convergências e em sua reunião máxima, na forma de exposição, onde está para quem queira ver, tudo aquilo que fizemos numa cegueira coletiva própria do processo artístico e que finalmente nos faz perguntar...

Onde termina a pintura?

Essa questão vem contestar os precoces atestados de óbito relegados a pintura ao longo do tempo, pois obviamente terminar não quer dizer morrer, e podendo até dizer que todas as pinturas aqui expostas estão terminadas, mas não é bem dessa finalização que havemos de discutir e sim das distâncias que percorremos de uma ponta a outra de um suporte artístico, e se de fato há bordas tão bem definidas assim, até onde podemos empurrar a pintura até ela deixar de ser pintura? É tão mais importante assim fazer a manutenção desse conceito que talvez não faça mais sentido?

por Gabriel Dionísio

Índice

- 10 • [QUE DIA É HOJE?] por IGOR COSTA
- 15 • [NO QUINTAL] por ANA PAULA CRISPIM
- 19 • [MERGULHOS INTERNOS] por CAROL MOTA
- 24 • [SÉRIE SEM TÍTULO] por LETHÍCIA MONTEIRO
- 28 • [FLUIDEZ DISFÓRICA] por AIKO HATAYAMA
- 34 • [O MEDO TÁ NA GENTE] por GABRIEL DIONÍSIO
- 38 • [ANISTIA SEMÂNTICA] por LEONARDO BERTRAND
- 43 • [SEM TÍTULO] por PAULO VICTOR DE ARRUDA BRITO
- 45 • [CAMINHOS DE OLINDA] por ANNA CAROLINA
- 52 • [SEM TÍTULO] por MARCONE MALAQUIAS
- 54 • [AFETOS] por LUIZ GABRIEL CARDONA5
- 59 • [ÁQUEO] e [AS CORES DO DESA(FETO)] por SHAVANNA
- 83 • [CORPO-ESPAÇO] por DAVI A. CASTILHO
- 89 • [SEM TÍTULO] por BEATRIZ BARROS
- 94 • [SEM TÍTULO] por BETE GOUVEIA

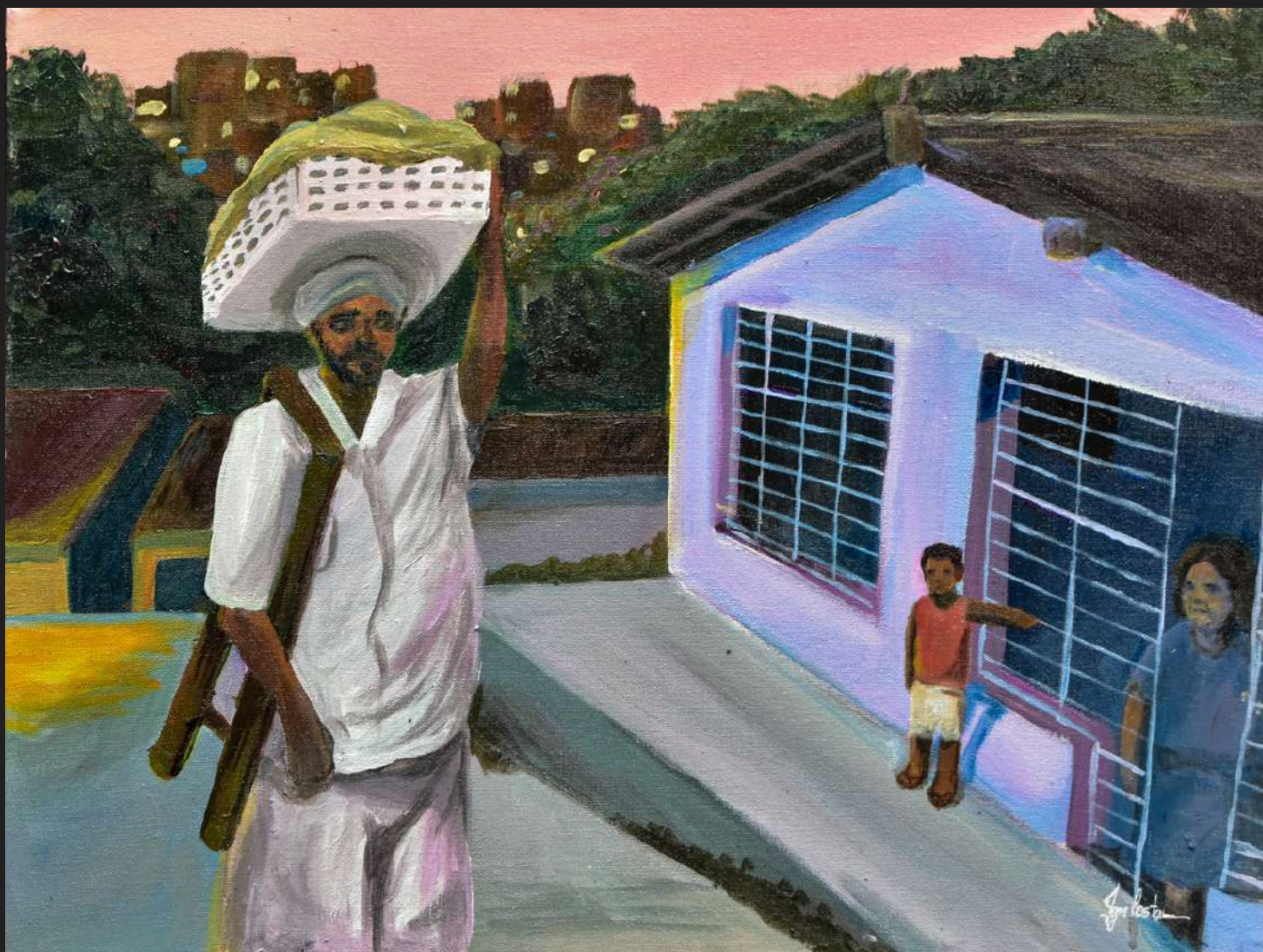
“Que dia é hoje?” é uma série de pinturas acrílicas sobre telas que fala sobre tempo e memória. Os quadros são cenas que se passam na ladeira em frente à minha casa.

São fragmentos de lembranças que ficaram, de momentos que permanecem na memória da forma mais nítida, que me fazem lembrar de cheiros e sabores, do calor do sol da tarde e do frio do chão da noite que tocava em meus pés descalços.

São desejos de um tempo que passou sem deixar se perceber, de quando as preocupações eram pequenas e de quando o dia só acabava quando minha avó me mandava sair do sereno.

São colagens de fotografias que foram tiradas a olho nu e guardadas na cabeça, onde ninguém além de mim podia ver. Elas me contam como o tempo e as mudanças podem ser cruéis ao passar como os sopros dos ventos de agosto entre as telhas de barro.

A gente sente que passa, a gente escuta sua intensidade, mas não vê. E quando nos damos conta, tudo passou, mudou, ficou.



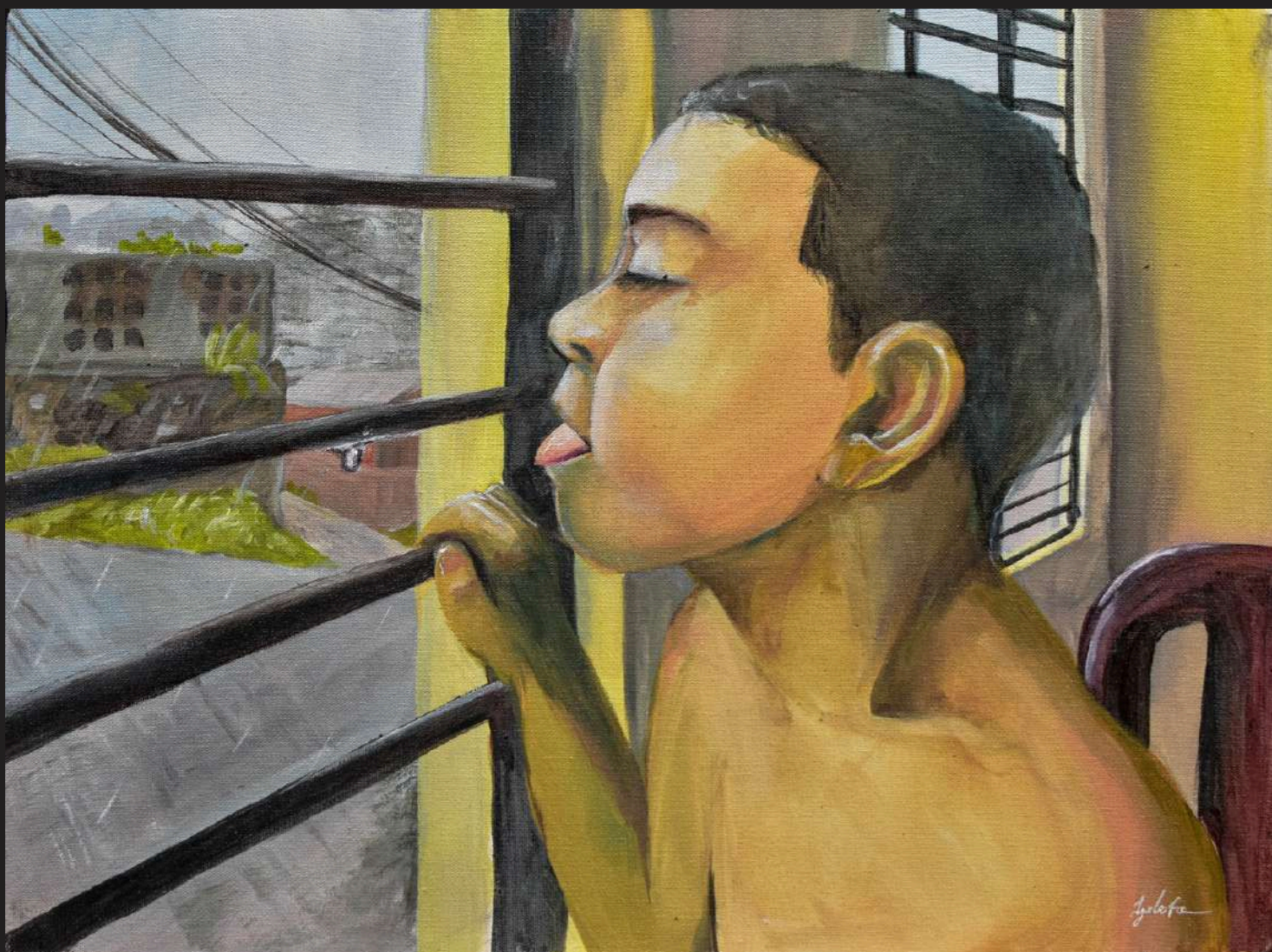
[QUE DIA É HOJE?] / O HOMEM DO PÃO

Acrílica sobre tela, 2022

30 × 40 cm

por Igor Costa

[@iigu.costa]



[QUE DIA É HOJE?] / DIA DE CHUVA

Acrílica sobre tela, 2022

30 × 40 cm

por Igor Costa

[@iigu.costa]



[QUE DIA É HOJE?] / BERMUDA RASGADA

Acrílica sobre tela, 2022

30 × 40 cm

por Igor Costa

[@iigu.costa]



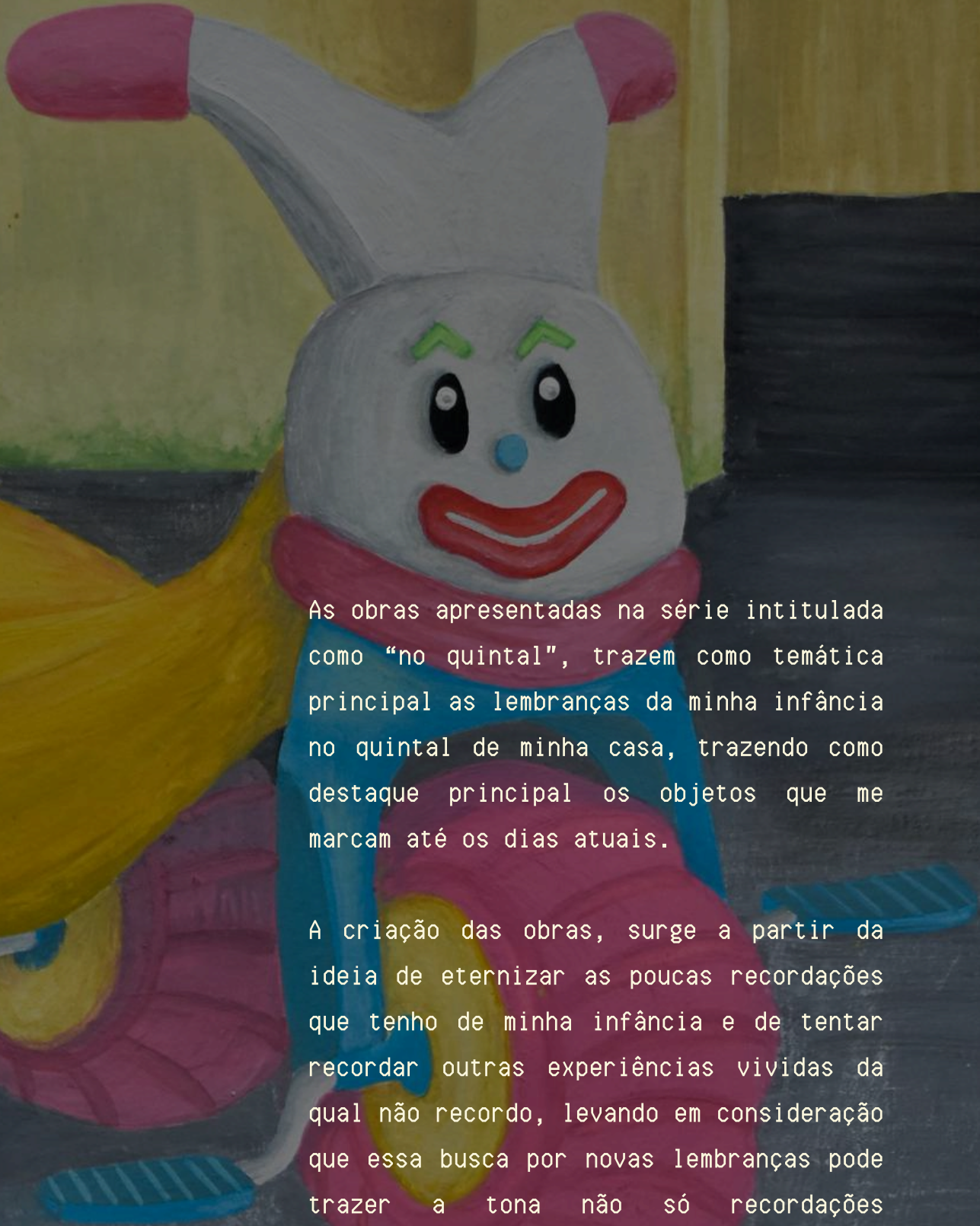
[QUE DIA É HOJE?] / PIQUE-ESCONDE

Acrílica sobre tela, 2022

30 × 40 cm

por Igor Costa

[@iigu.costa]



As obras apresentadas na série intitulada como “no quintal”, trazem como temática principal as lembranças da minha infância no quintal de minha casa, trazendo como destaque principal os objetos que me marcam até os dias atuais.

A criação das obras, surge a partir da ideia de eternizar as poucas recordações que tenho de minha infância e de tentar recordar outras experiências vividas da qual não recorro, levando em consideração que essa busca por novas lembranças pode trazer a tona não só recordações positivas mas também memórias traumáticas, que de certa forma também não deixam de fazer parte de minha história.



Guache sobre papel, 2022

29,7 × 42 cm

por Ana Paula Crispim

[@anapaulac_n]

[NO QUINTAL] / PRIMEIRA AULA DE COSTURA



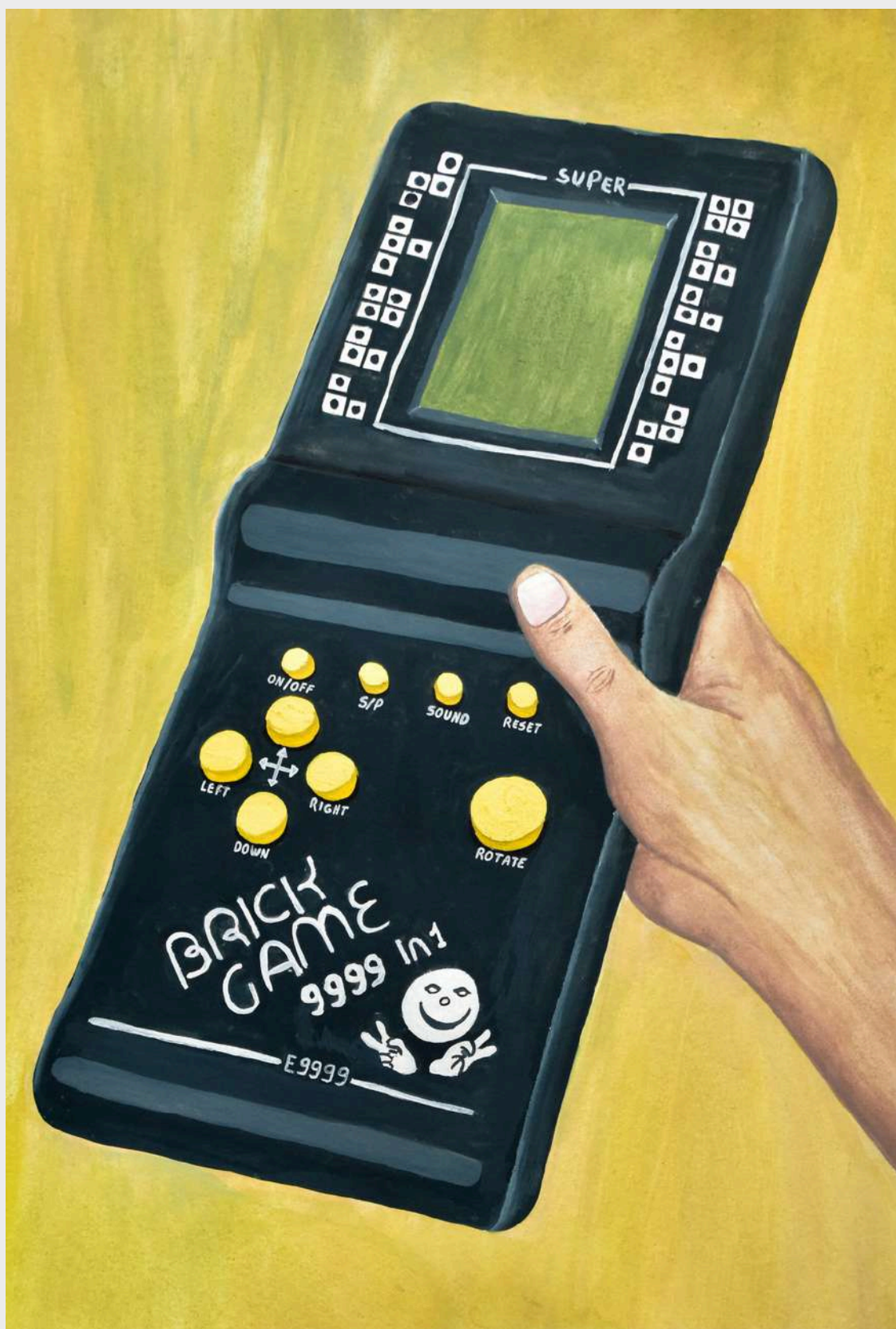
Guache sobre papel, 2022

42 × 29,7 cm

por Ana Paula Crispim

[@anapaulac_n]

[NO QUINTAL] / ANTIGO VELOCIPEDA



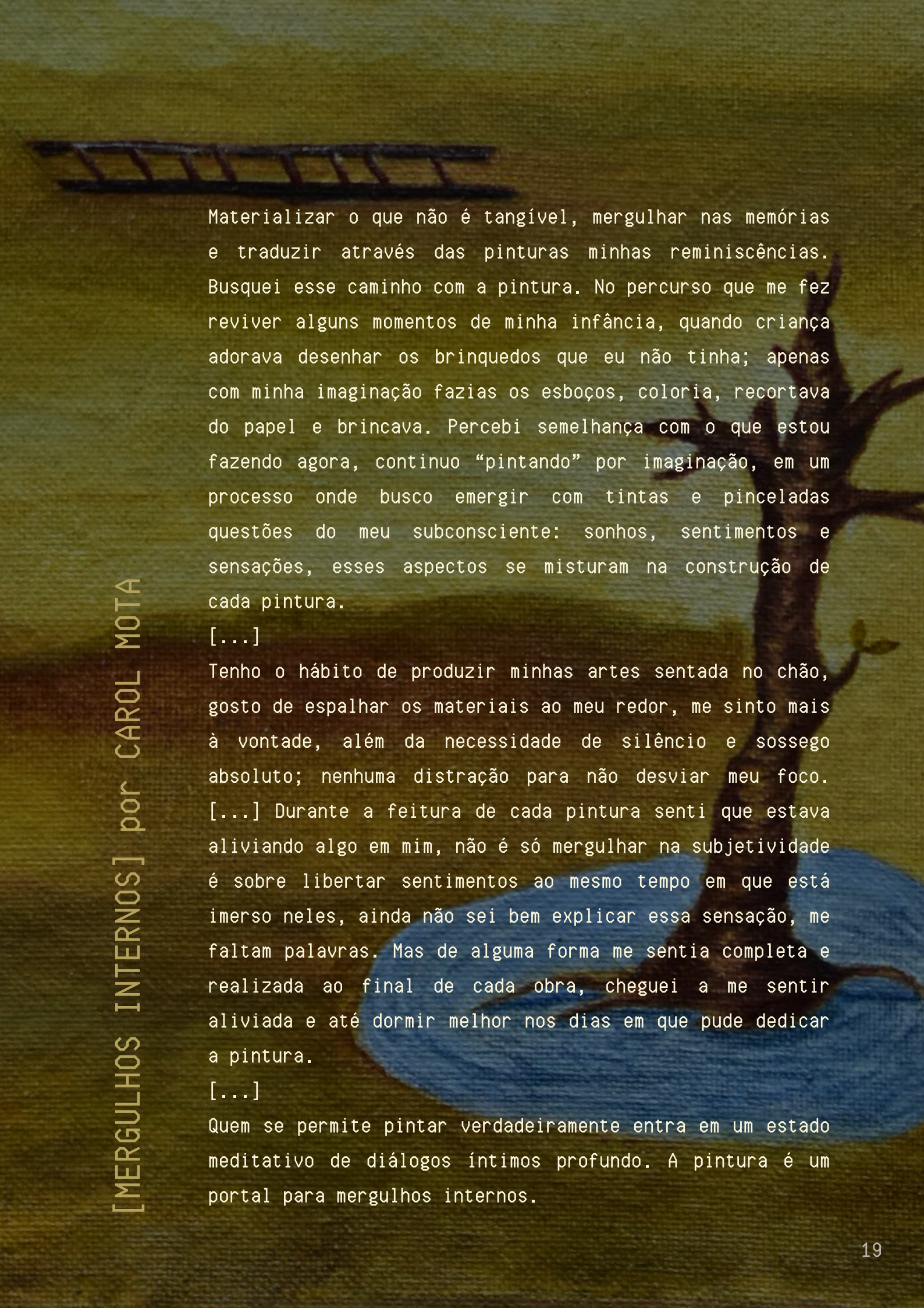
Guache sobre papel, 2022

42 x 29,7 cm

por Ana Paula Crispim

[@anapaulac_n]

[NO QUINTAL] / SEM TÍTULO

A ladder is leaning against a wall at the top of the page. On the right side, there is a tree with a blue base, possibly representing water or a specific artistic element. The background is a textured, olive-green color.

Materializar o que não é tangível, mergulhar nas memórias e traduzir através das pinturas minhas reminiscências. Busquei esse caminho com a pintura. No percurso que me fez reviver alguns momentos de minha infância, quando criança adorava desenhar os brinquedos que eu não tinha; apenas com minha imaginação fazias os esboços, coloria, recortava do papel e brincava. Percebi semelhança com o que estou fazendo agora, continuo “pintando” por imaginação, em um processo onde busco emergir com tintas e pinceladas questões do meu subconsciente: sonhos, sentimentos e sensações, esses aspectos se misturam na construção de cada pintura.

[...]

Tenho o hábito de produzir minhas artes sentada no chão, gosto de espalhar os materiais ao meu redor, me sinto mais à vontade, além da necessidade de silêncio e sossego absoluto; nenhuma distração para não desviar meu foco. [...] Durante a feitura de cada pintura senti que estava aliviando algo em mim, não é só mergulhar na subjetividade é sobre libertar sentimentos ao mesmo tempo em que está imerso neles, ainda não sei bem explicar essa sensação, me faltam palavras. Mas de alguma forma me sentia completa e realizada ao final de cada obra, cheguei a me sentir aliviada e até dormir melhor nos dias em que pude dedicar a pintura.

[...]

Quem se permite pintar verdadeiramente entra em um estado meditativo de diálogos íntimos profundo. A pintura é um portal para mergulhos internos.



Acrílica sobre tela, 2022

29,7 × 42 cm

por Carol Mota

[@mootac]

[MERGULHOS INTERNOS] / SONHOS COM O MAR



Acrílica sobre tela, 2022

24 × 19,9 cm

por Carol Mota

[@mootac]

[MERGULHOS INTERNOS] / DIÁLOGO



[MERGULHOS INTERNOS] / TENTATIVA
DE FUGA DE SENTIMENTOS RUINS

Acrílica sobre tela, 2022

23 × 16 cm

por Carol Mota

[@mootac]



Acrílica sobre tela, 2022

20 × 20 cm

por Carol Mota

[@mootac]

[MERGULHOS INTERNOS] / MISTÉRIO



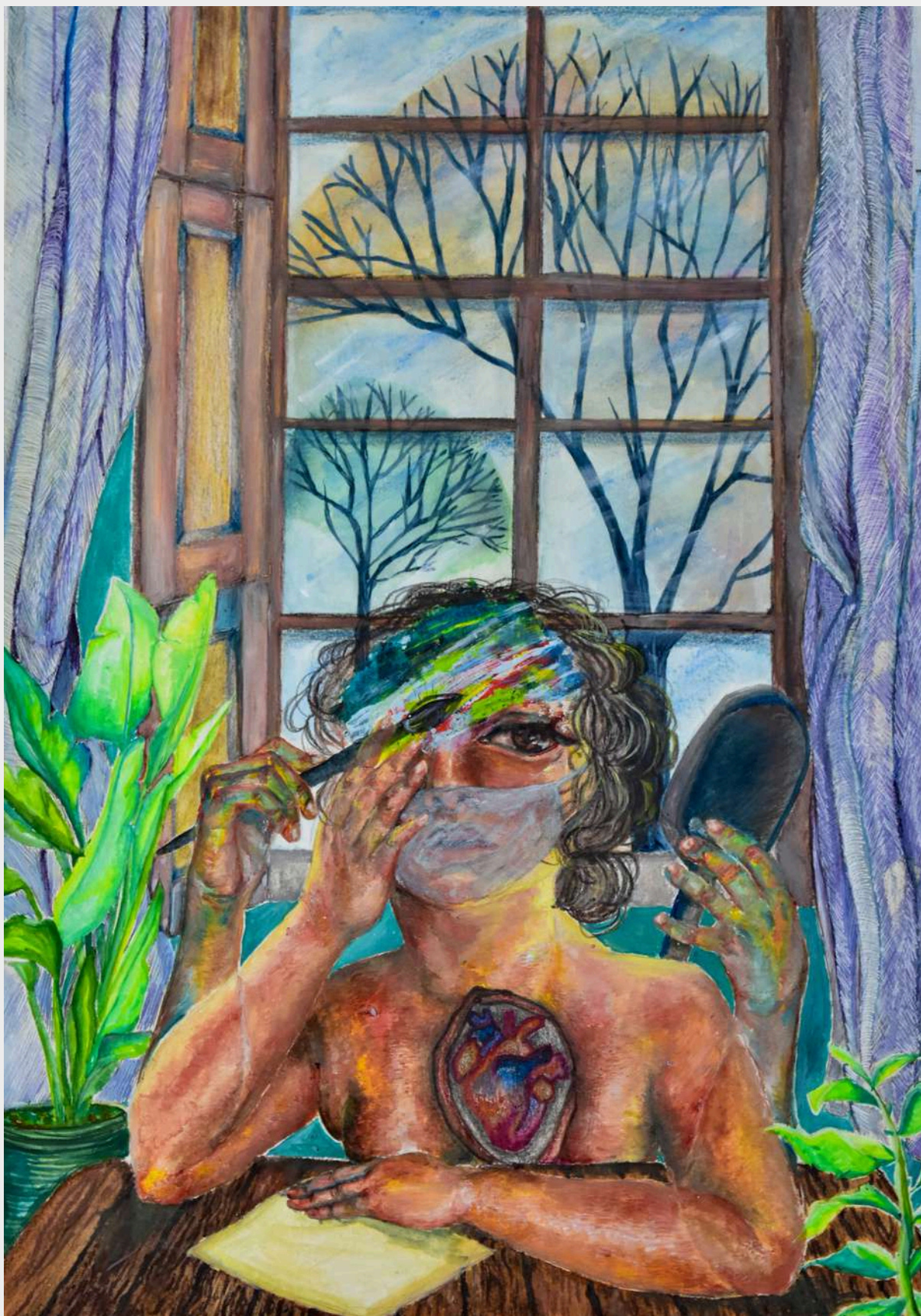
[SÉRIE SEM TÍTULO] por LETHÍCIA MONTEIRO

A série nasceu em momentos distintos durante a pandemia, em que no meu quarto pude começar a ressignificar as coisas e pessoas que me rodeiam e rodariam - até porque muita coisa mudou de lugar desde então - . Sentimentos e sensações que me perpassaram durante um ano tão atípico foram o fio condutor dessa série de possíveis autorretratos, talvez até das próprias personalidades que me residem.



[CONEXÕES DE
FRAGMENTOS MEUS]

Acrílica sobre tela, 2020
70 × 30 cm
por Lethícia Monteiro
[@lazulles]



Técnica mista sobre papel, 2020

42 × 29,7 cm

por Lethícia Monteiro

[@lazulles]

[ÓCIO CRIATIVO]



Acrílica sobre tela, 2020

40 × 40 cm

por Lethícia Monteiro

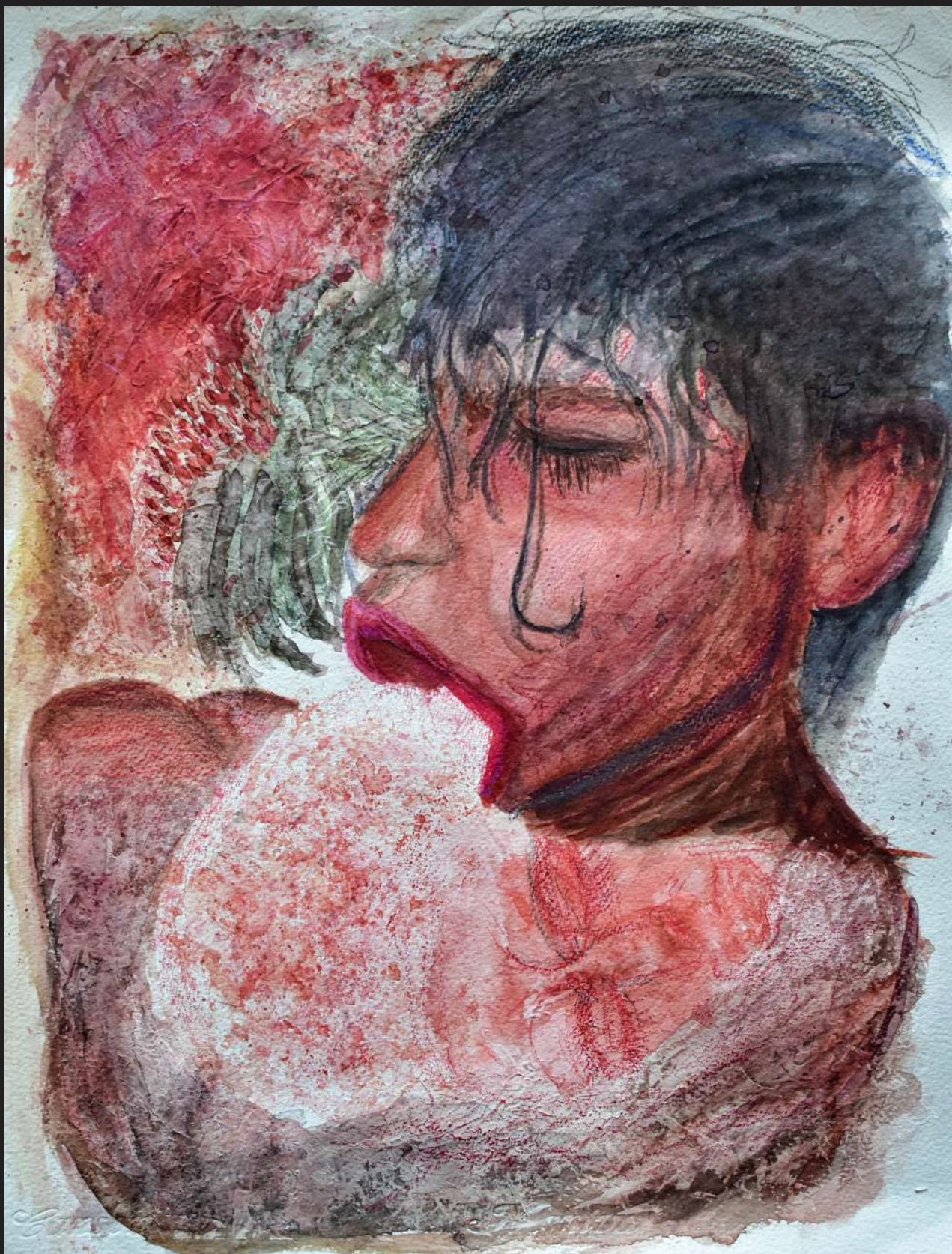
[@lazulles]

[TROCAM-SE AS MÁSCARAS]

As seguintes pinturas são parte da série “Fluidez Disfórica”, embora tenham uma variedade quanto ao conteúdo, ainda retêm um diálogo entre si.

Fluidez pelo próprio meio utilizado, a aquarela, sendo uma tinta que possibilita uma leveza visual quanto a sua materialidade, foi em geral utilizada de forma mais materialista, adicionando um peso contraditório ao que a tinta se propõe em geral. A presença constante de manchas busca demonstrar a instabilidade em que as figuras retratadas se encontram; junto com técnicas e materiais experimentais que dão uma imprevisibilidade maior às pinturas.

Disfórico pelo constante mal estar em que as figuras se encontram, a deformidade e falta de um espaço contextualizado contribuem para a falta de um referencial do que seria concreto e de um não pertencimento. É uma queima de modo catártico de alguns venenos da alma.



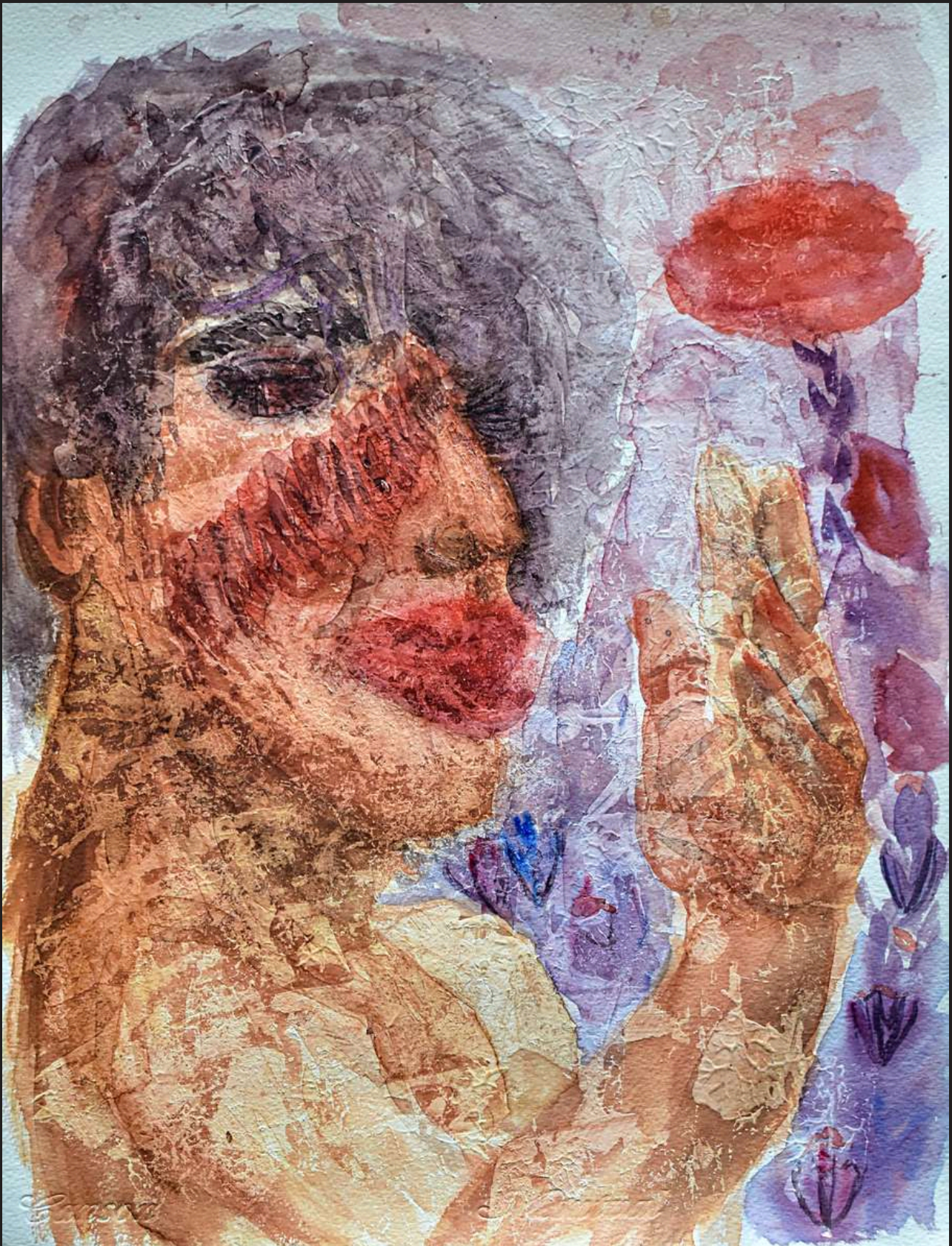
Aquarela, lápis de cor, lápis de cor aquarelável
e gesso acrílico sobre papel, 2022

42,5 × 32,5 cm

[FLUIDEZ DISFÓRICA] / ERVA DOCE

por Aiko Hatayama

[@aiko.ayaya]



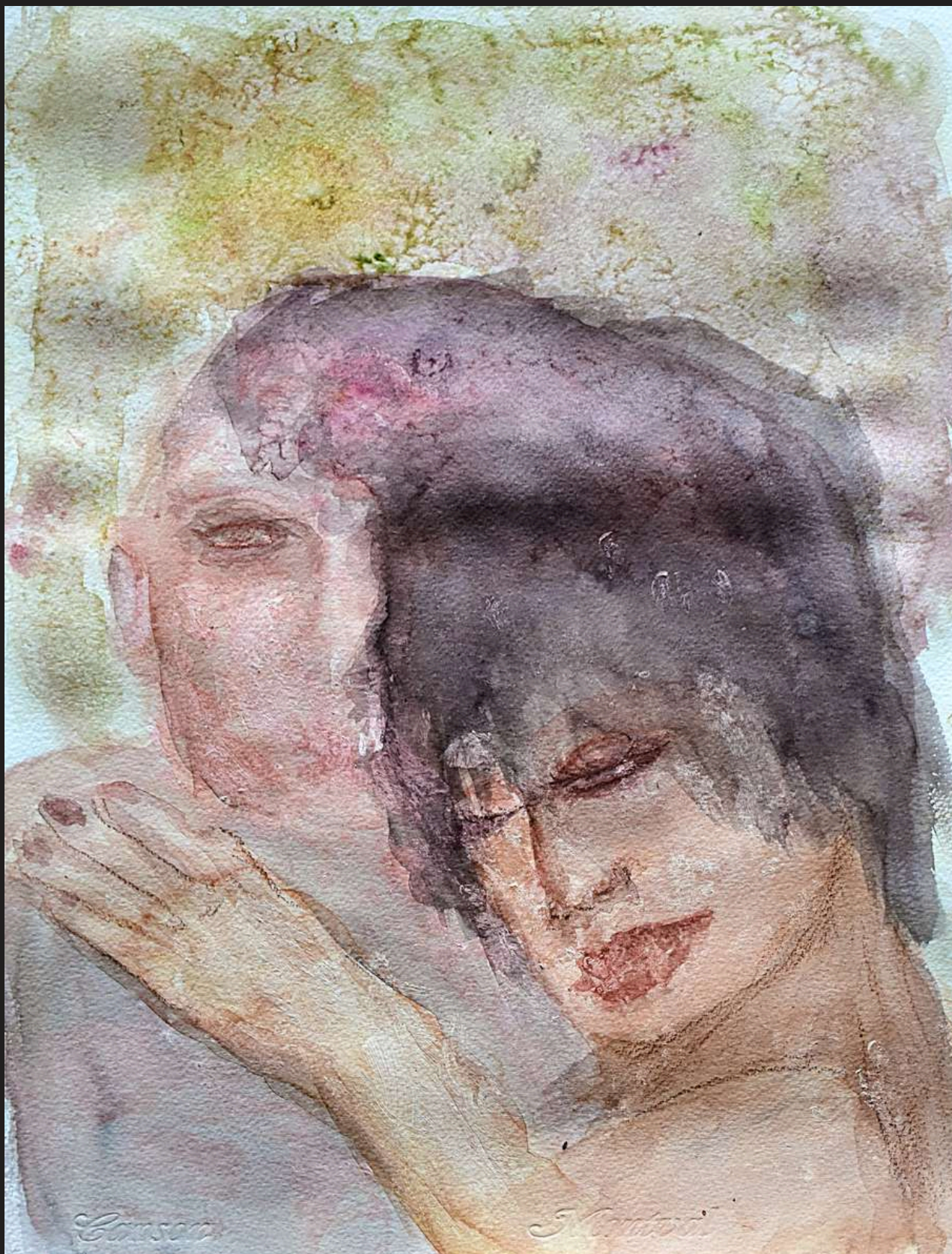
Aquarela, lápis de cor
e gesso acrílico sobre papel, 2022

42,5 × 32,5 cm

por Aiko Hatayama

[@aiko.ayaya]

[FLUIDEZ DISFÓRICA] / A TUA IMAGEM



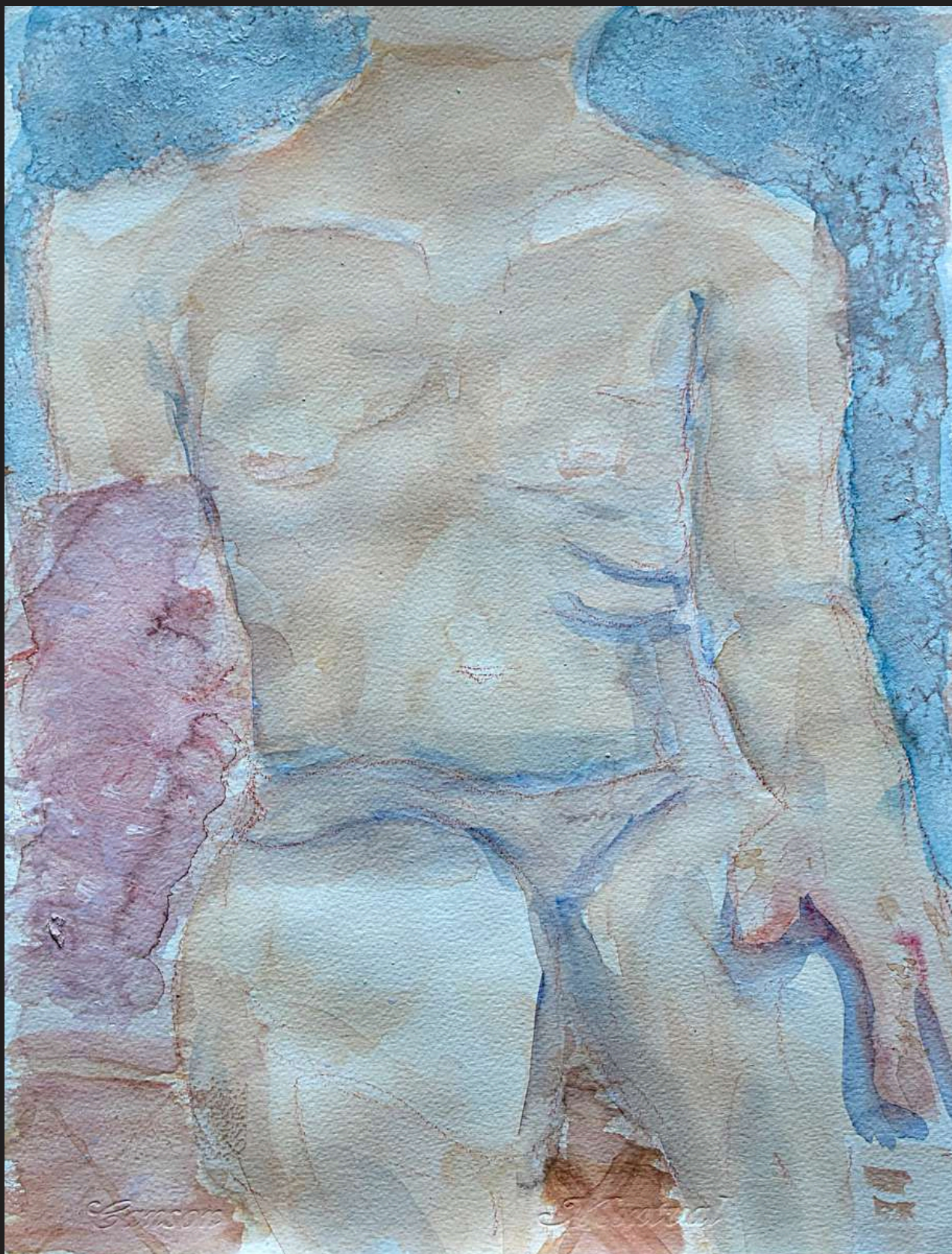
Aquarela, lápis de cor aquarelável
e gesso acrílico sobre papel, 2022

42,5 × 32,5 cm

por Aiko Hatayama

[@aiko.ayaya]

[FLUIDEZ DISFÓRICA] / INTIMIDADE



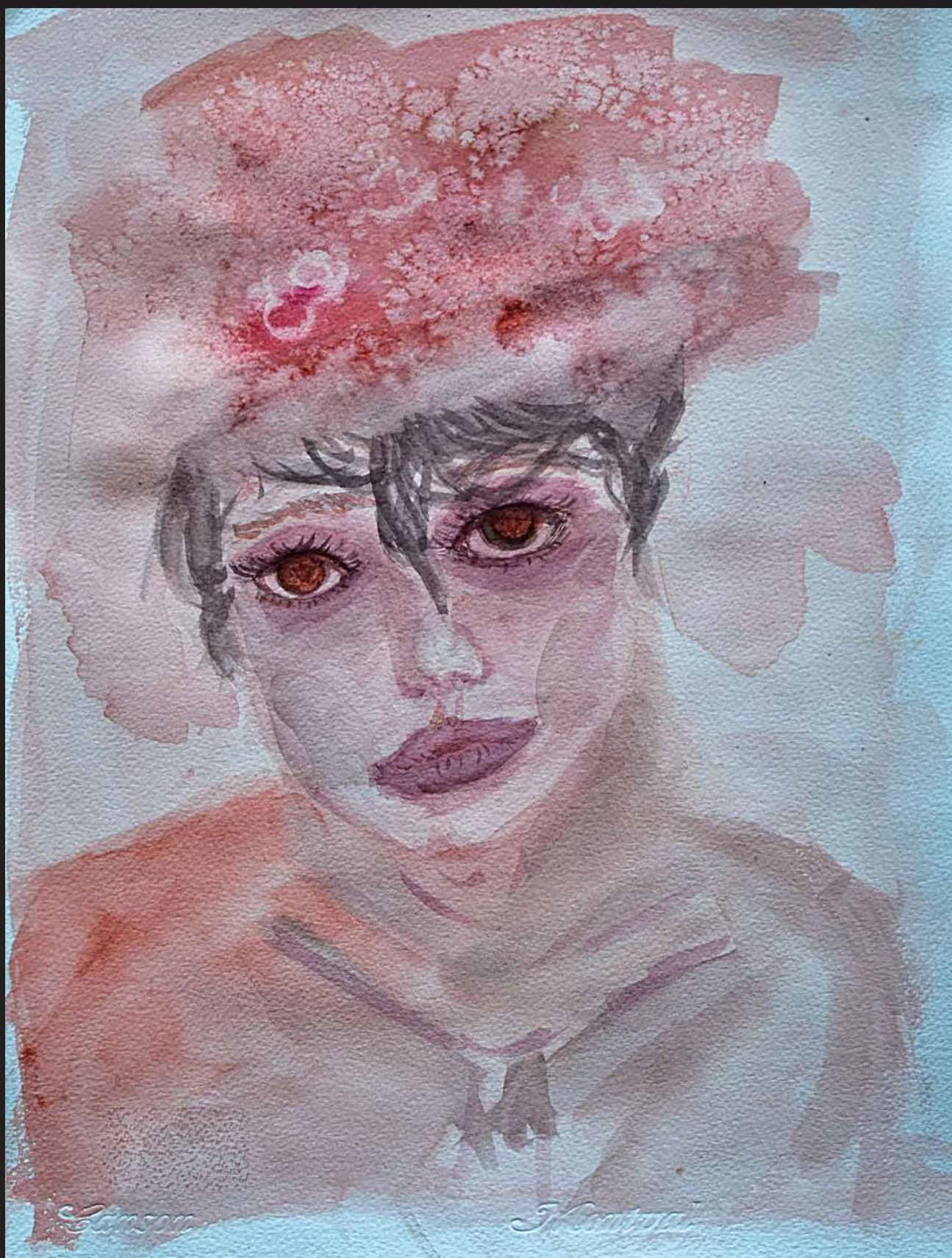
Aquarela, lápis de cor aquarelável
e gesso acrílico sobre papel, 2022

42,5 × 32,5 cm

por Aiko Hatayama

[@aiko.ayaya]

[FLUIDEZ DISFÓRICA] / TÍMIDA



Aquarela sobre papel, 2022

42,5 × 32,5 cm

por Aiko Hatayama

[@aiko.ayaya]

[FLUIDEZ DISFÓRICA] / TRANSGRESSÃO

O medo tá na gente

ele é uma ameaça autoinfligida
mas nem sabendo disso deixo de temer

Arbitrária, quando se é capaz de tudo e mais um pouco, e ao mesmo tempo, de incontáveis éons de expectativas não correspondida, até onde repentinamente se rompe com tudo, a própria constante inconstância, de estar a mercê apenas de si mesma.

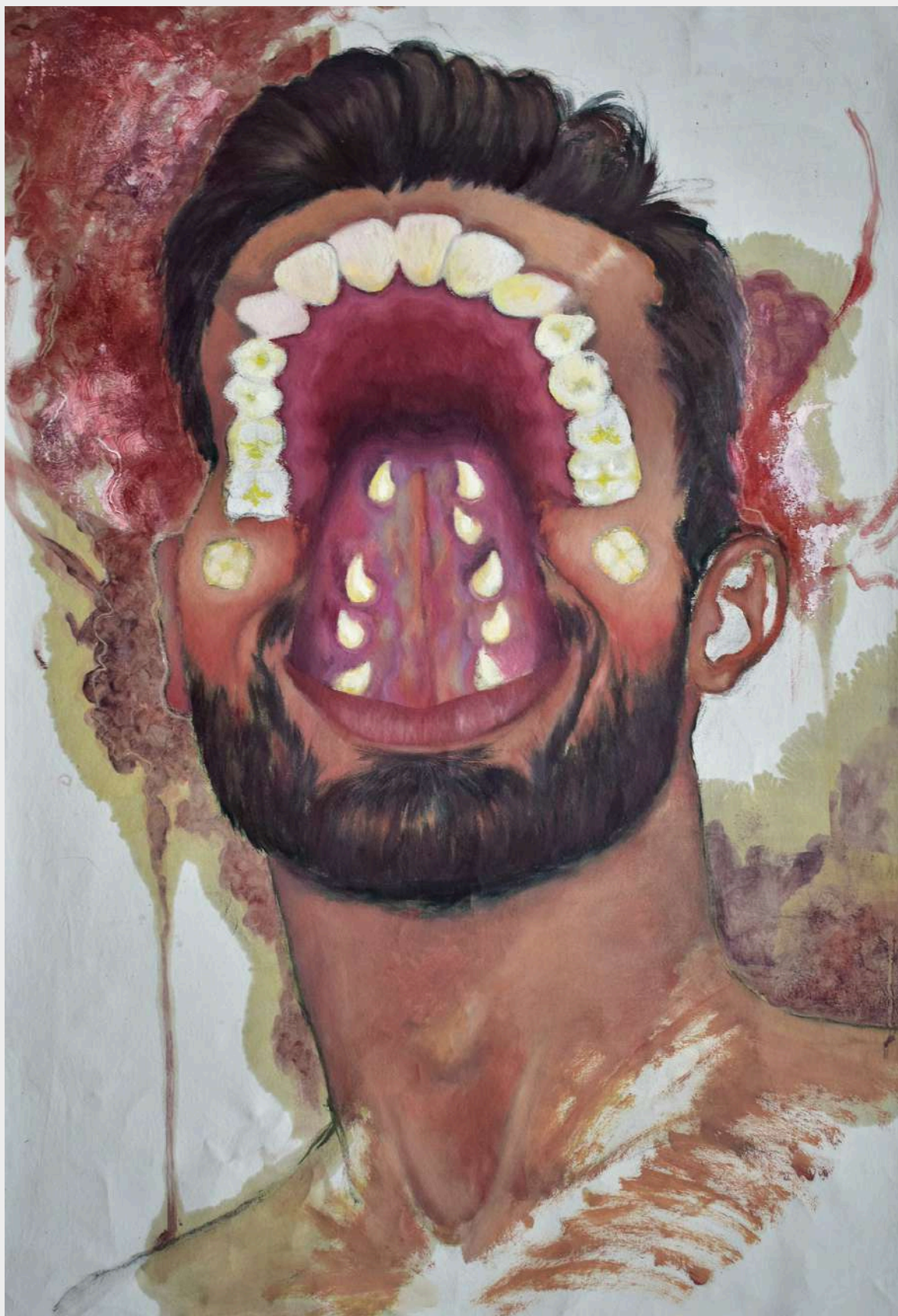
é um mecanismo de defesa pelo que eu sei
e já que não tememos todos as mesmas coisas

Mordaz, quando de tudo arranca pedaços, pois é belicoso por demais, suas lacerantes maneiras causam feridas profundas, e todos os que são esmaecidos e mirrados estão para ser dilacerados pelas suas viciosas mordidas.

acho seguro dizer que

Abissal, quando o profundo não passa dos joelhos e o vasto cabe no palmo da mão, é de uma imensidão tão aterradora e inabalavelmente vertiginosa, muito além do que se pode tomar com os olhos, sentir na pele, ouvir falar, e isso tudo num só corpo.

nada disso é amedrontador de natureza, até porque o medo tá na gente.



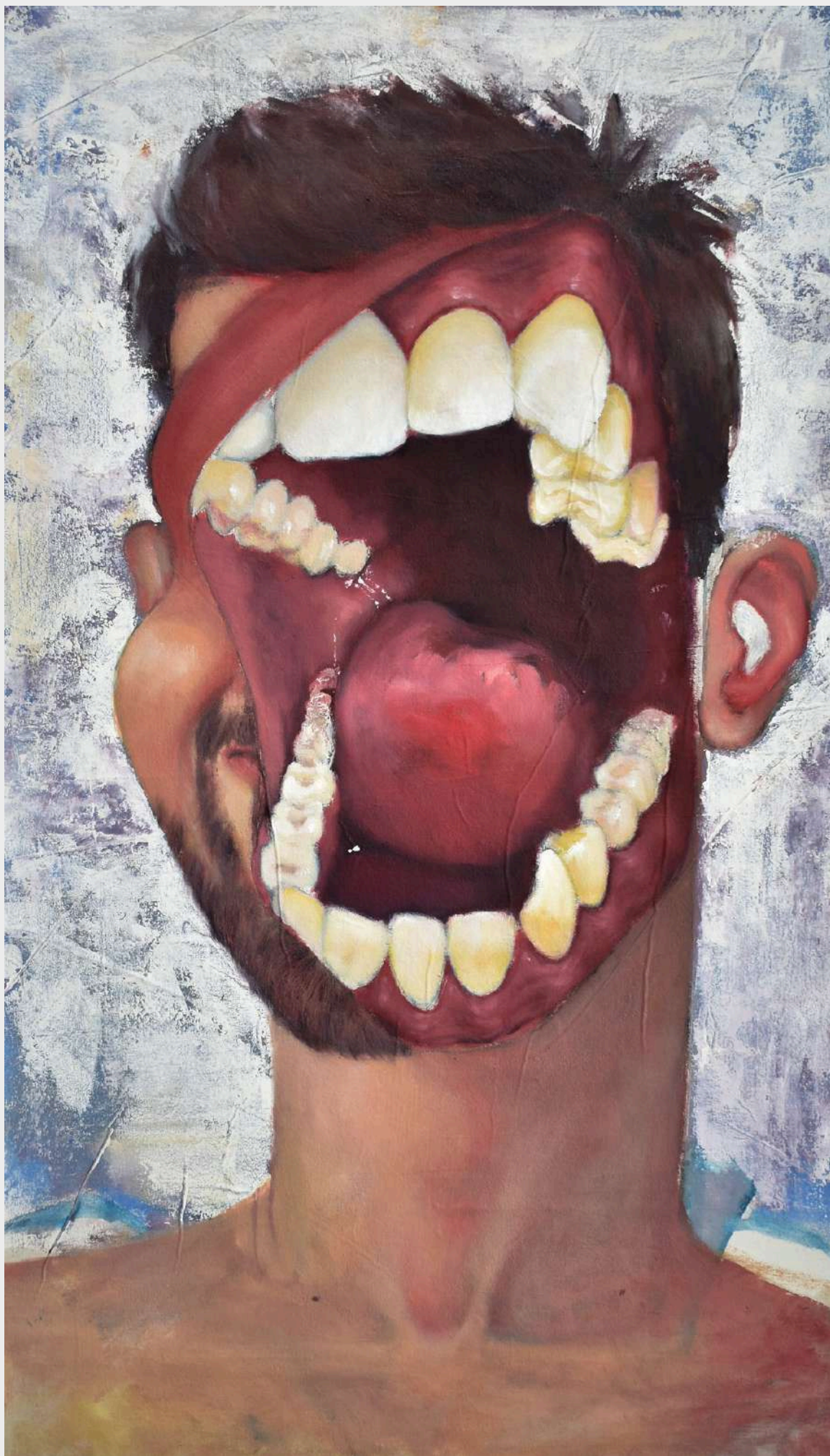
Óleo sobre tela, 2022

81 × 54 cm

por Gabriel Dionísio

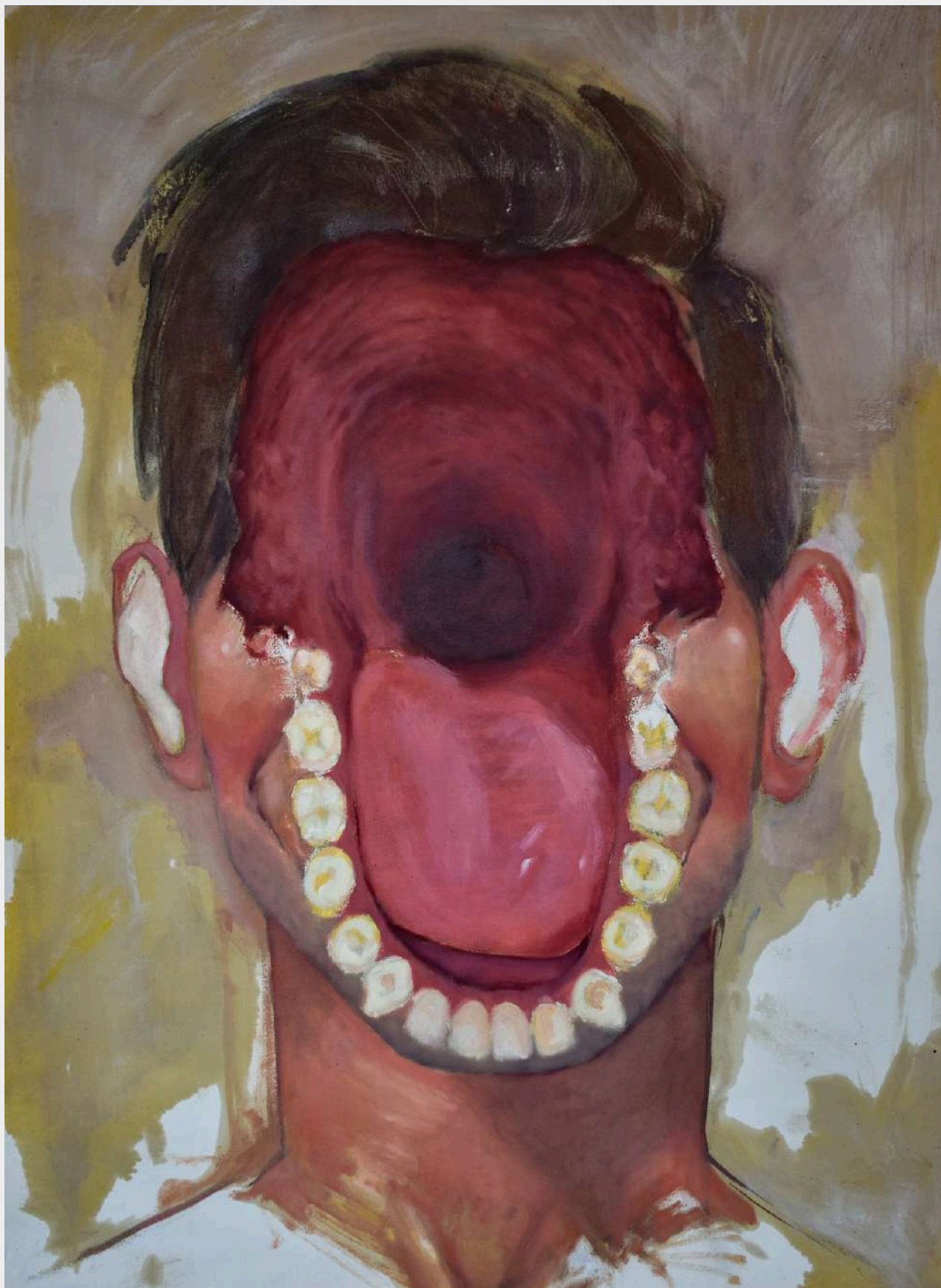
[@bad_gabes]

[O MEDO TÁ NA GENTE] / ARBITRÁRIA



[O MEDO TÁ
NA GENTE] /
MORDAZ

Óleo sobre
tela, 2022
79 × 47 cm
por Gabriel
Dionísio
[@bad_gabes]



[O MEDO TÁ NA GENTE] / ABISSAL

Óleo sobre tela, 2022

83 × 57 cm

por Gabriel Dionísio

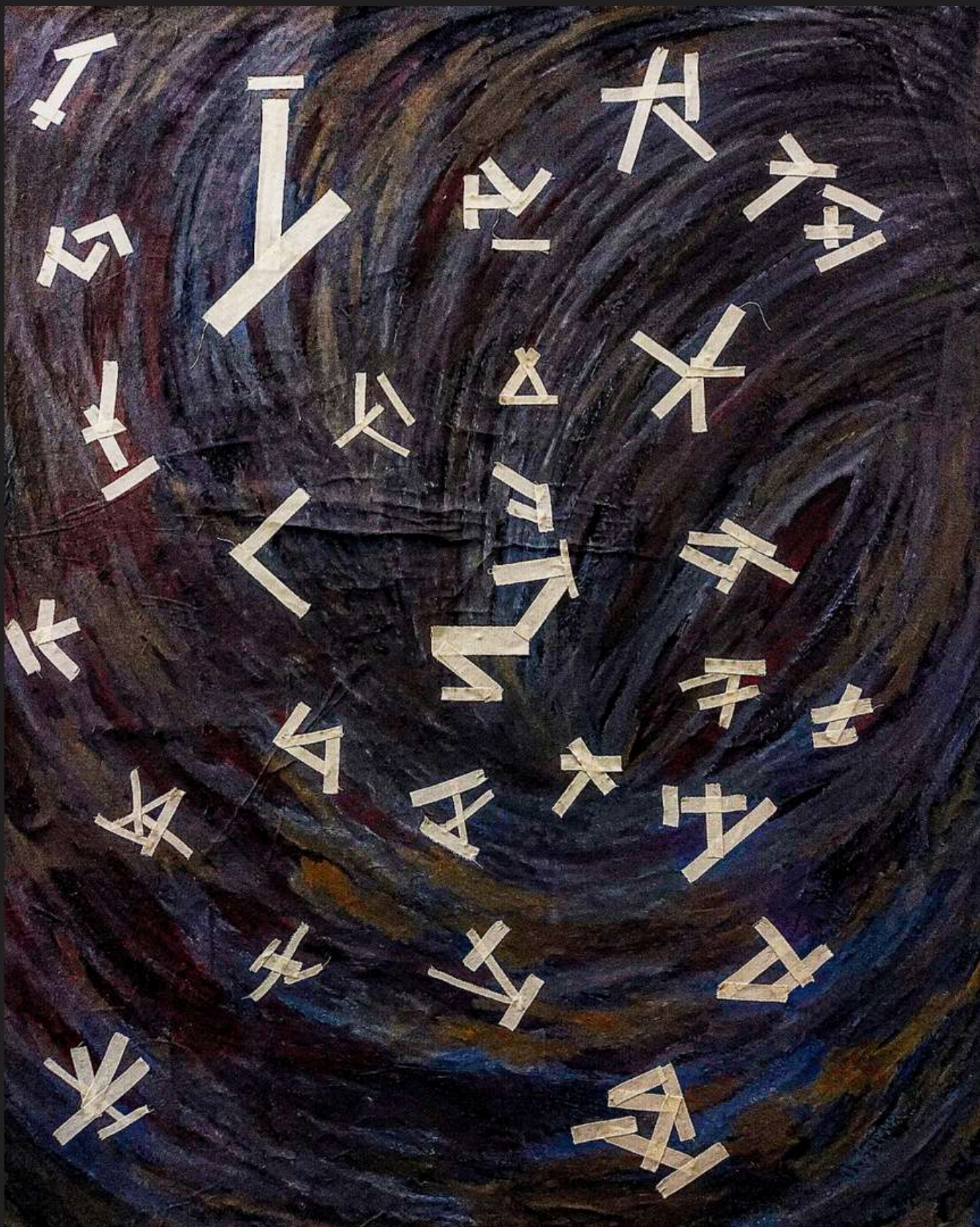
[@bad_gabes]

Nestes que são os primeiros desdobramentos táteis de minha Anistia Semântica, entrego [paliativos], que quebram gestos plenos diante dos resquícios de formas dissociativas, ganhando sentidos livres e/ou anti-horários ao olhar de cada um que a possa testemunhar.

Assim, frente a sua constante estranheza, encaramos um convite inconveniente a um mergulho em turbulentas águas turvas, como nas horas obtusas e incertas de uma madrugada em claro, navegando em um alto mar revolto e intempestivo.

Na luz sublime do que ainda se vê, para além do desconforto e do descompasso de suas nervuras e vincos, há também alguma representação do que se cuida, do que se protege e se tentar estancar, tanto na regeneração de uma pele arassada pelas quedas, como na dissolução das formas, das certezas e o desmanche dos versos, dos verbos e dos adjetivos.

A (des)construção pictórica e a melodia agridoce do seu silêncio tomam-me como resposta, como interrogação e como um novo princípio, começando assim, pelo final, a revelar que a pintura pode ser um não-elemento, um vazio ou uma outra estranha história incontudente a se contar, por vezes sem sentido e sem clara noção de espaço/tempo ou lugar, mas que nos entrega seu todo, sua matéria mais bruta, tangível e não linear. Diante de tais paliativos, temos enfim outras permissões a se entender, a se envolver e sobretudo a se imaginar.



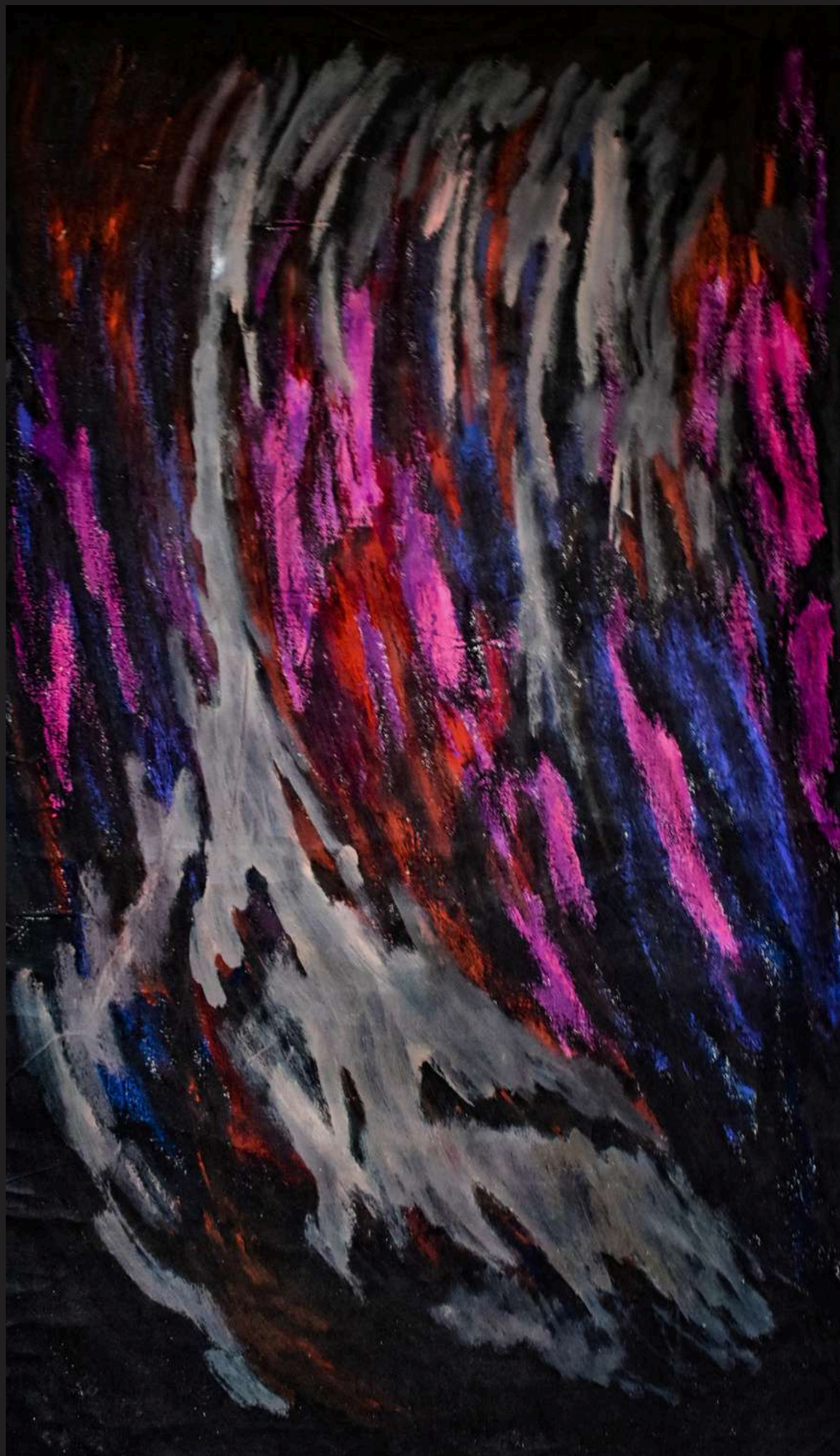
Óleo sobre tela, 2022

125 × 105 cm

por Leonardo Bertrand

[@leonardo.bertrand]

[ANISTIA SEMÂNTICA] / PALIATIVOS



[ANISTIA
SEMÂNTICA]
/ RAZÃO

Óleo sobre
tela, 2022
80 × 47 cm
por Leonardo
Bertrand
[@leonardo
.bertrand]



[ANISTIA SEMÂNTICA] / DESFAÇATEZ

Óleo sobre tela, 2022

77 × 45 cm

por Leonardo Bertrand

[@leonardo.bertrand]



[ANISTIA SEMÂNTICA] / OUTRA HISTÓRIA

Acrílica sobre tela, 2022

79 × 47 cm

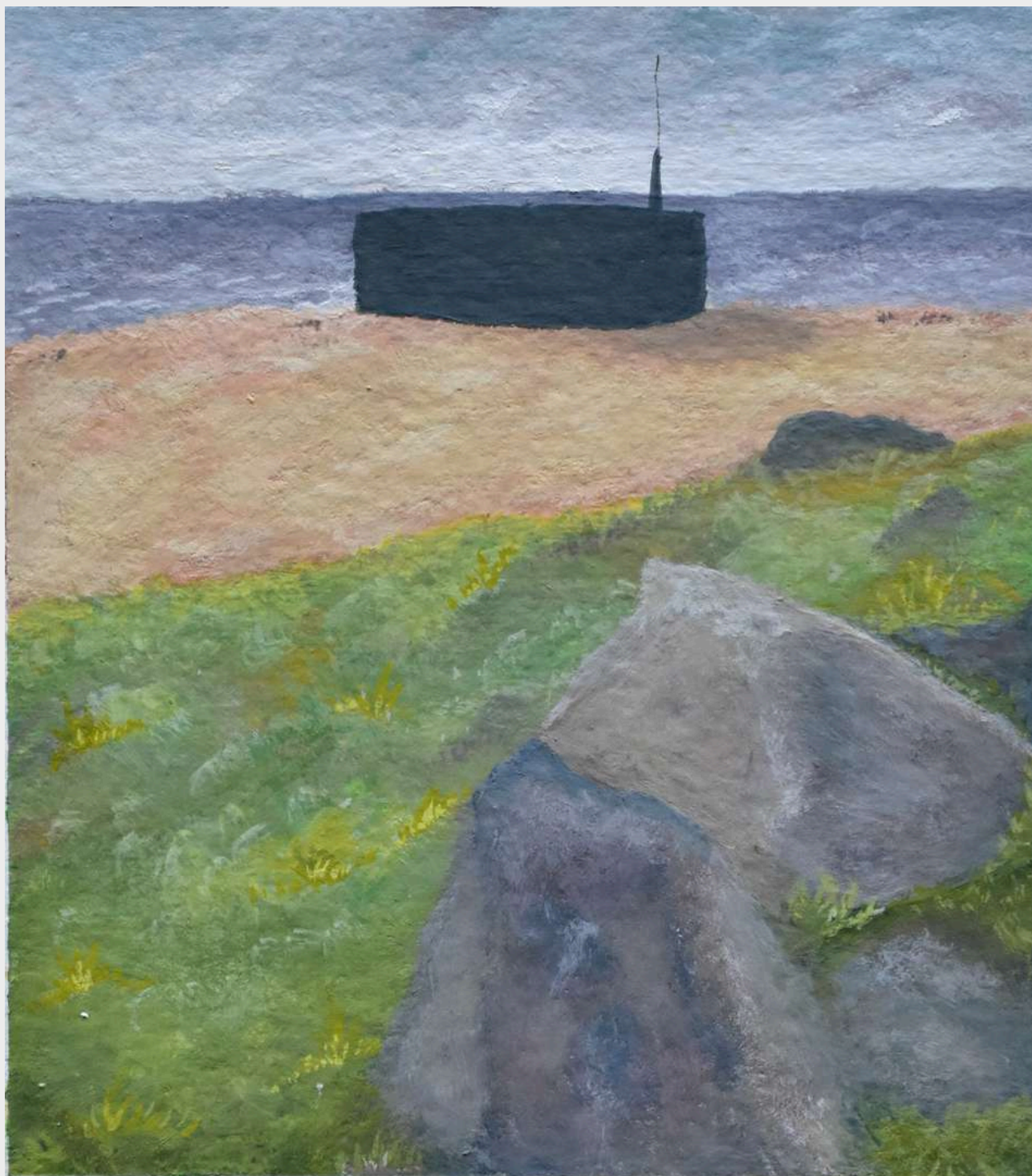
por Leonardo Bertrand

[@leonardo.bertrand]

The painting depicts a coastal scene. In the foreground, there is a sandy beach with some green and yellowish patches, possibly representing vegetation or rocks. In the middle ground, a large, dark, rectangular structure, possibly a building or a bunker, sits on the sand. In the background, the ocean is visible with a sea stack rising from the water. The sky is a mix of blue and grey tones, suggesting a cloudy or overcast day. The overall style is somewhat abstract and textured, with visible brushstrokes and layers of paint.

[SEM TÍTULO] por PAULO ARRUDA

Em camadas de aquarela e guache, busco retratar a infinidade da natureza e uma contrapartida com o manufaturado humano, misterioso e inerte ao natural



[SEM TÍTULO]

Aquarela e Guache sobre papel, 2022

13,1 × 11,7 cm

por PAULO VICTOR DE ARRUDA BRITO

[@pppauuloo]

A ideia de produzir pinturas que envolvem cenários de Olinda surge da importância de representar alguns locais dessa cidade, considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, na qual possui uma forte ligação afetiva e admiração, que também denotam valor histórico e cultural. Onde alguns desses locais não são muito conhecidos e/ou divulgados. Consiste em 6 pinturas em aquarela de alguns lugares fotografados por mim, a maioria no Sítio Histórico.



Aquarela sobre papel, 2022

21 × 29,7 cm

por Anna Carolina Santo Silva

[CENÁRIOS DE OLINDA] / BICA DO ROSÁRIO

[@colorfulg1r1]



Aquarela sobre papel, 2022

21 × 29,7 cm

[CENÁRIOS DE OLINDA] / IGREJA DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS

por Anna Carolina Santo Silva

[@colorfulg1r1]



Aquarela sobre papel, 2022

21 x 29,7 cm

por Anna Carolina Santo Silva

[@colorfulg1r1]

[CENÁRIOS DE OLINDA] / MUSEU DE ARTE
SACRA, ELEVADOR E CATEDRAL DA SÉ



Aquarela sobre papel, 2022

21 × 29,7 cm

por Anna Carolina Santo Silva

[@colorfulg1r1]

[CENÁRIOS DE OLINDA] /
ARTES DO IMAGINÁRIO BRASILEIRO



Aquarela sobre papel, 2022

21 × 29,7 cm

por Anna Carolina Santo Silva

[CENÁRIOS DE OLINDA] / BIBLIOTECA PÚBLICA

[@colorfulg1r1]



[CENÁRIOS DE OLINDA] /
MERCADO EUFRÁSIO BARBOSA

Aquarela sobre papel, 2022
21 × 29,7 cm
por Anna Carolina Santo Silva
[@colorful1r1]



[SEM TÍTULO] por MARCONE MALAQUIAS

Acredito que possa ser tida, talvez, como um pirão doce ou uma torta confeitada de maneira errônea e exageradamente frufu; contudo, todavia, prefiro não tecer muito sobre, que dirá nomeá-la.



[SEM TÍTULO]

Acrílica sobre tela, 2022

157 × 147 cm

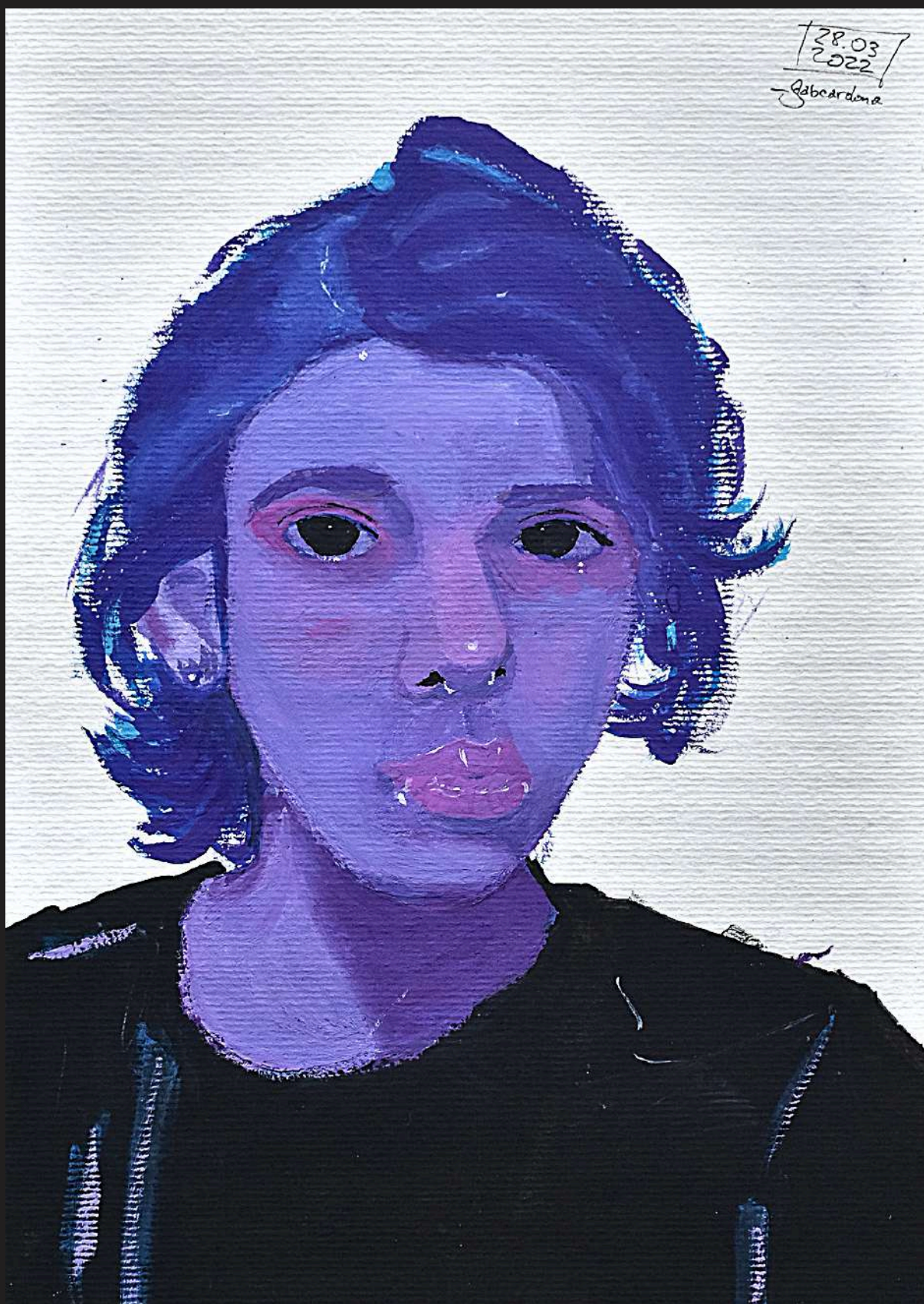
por Marccone Malaquias

[@anjoimpio]

A série se apresenta através de retratos de pessoas que me despertem "afetos", emoções positivas; sem definir a exata emoção ou sentimento envolvido.

Assim, pessoas queridas e próximas a mim com uma descrição mais "emotiva" e pessoal. Também há pessoas as quais eu nunca realmente vi e mesmo assim fazem parte do meu dia-a-dia, pouco a pouco existindo por meio das redes e ganhando afeição; estas com descrição mais "profissional", talvez impessoal?

Com o passar das pinturas fui desenvolvendo o caminho, o processo que consiste na descrição do apresentado, busca de referências, esboço rápido de caneta, esboço detalhado à lápis e, para completar a visualização, colorir para definir espaços e cores. Por fim entramos na pintura - geralmente - enquanto escutamos músicas no/do gosto da pessoa representada e anotamos impressões, "erros e acertos" do processo.



[AFETOS] / LARISSA

Guache sobre papel, 2022

29,7 × 21 cm

por Luiz Gabriel Cardona

[@_gabcardona]



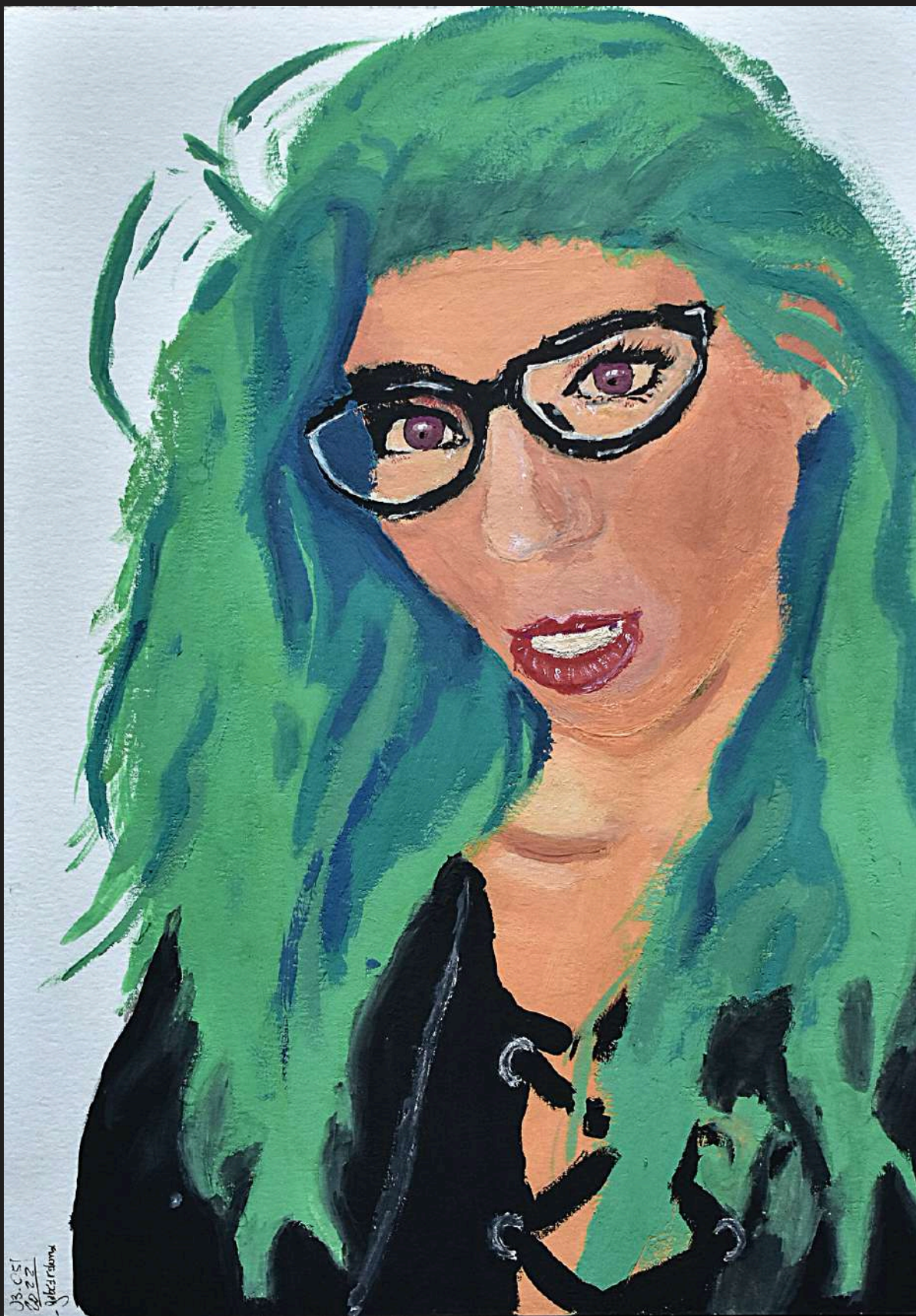
Guache sobre papel, 2022

29,7 × 21 cm

por Luiz Gabriel Cardona

[@_gabcardona]

[AFETOS] / JOÃO



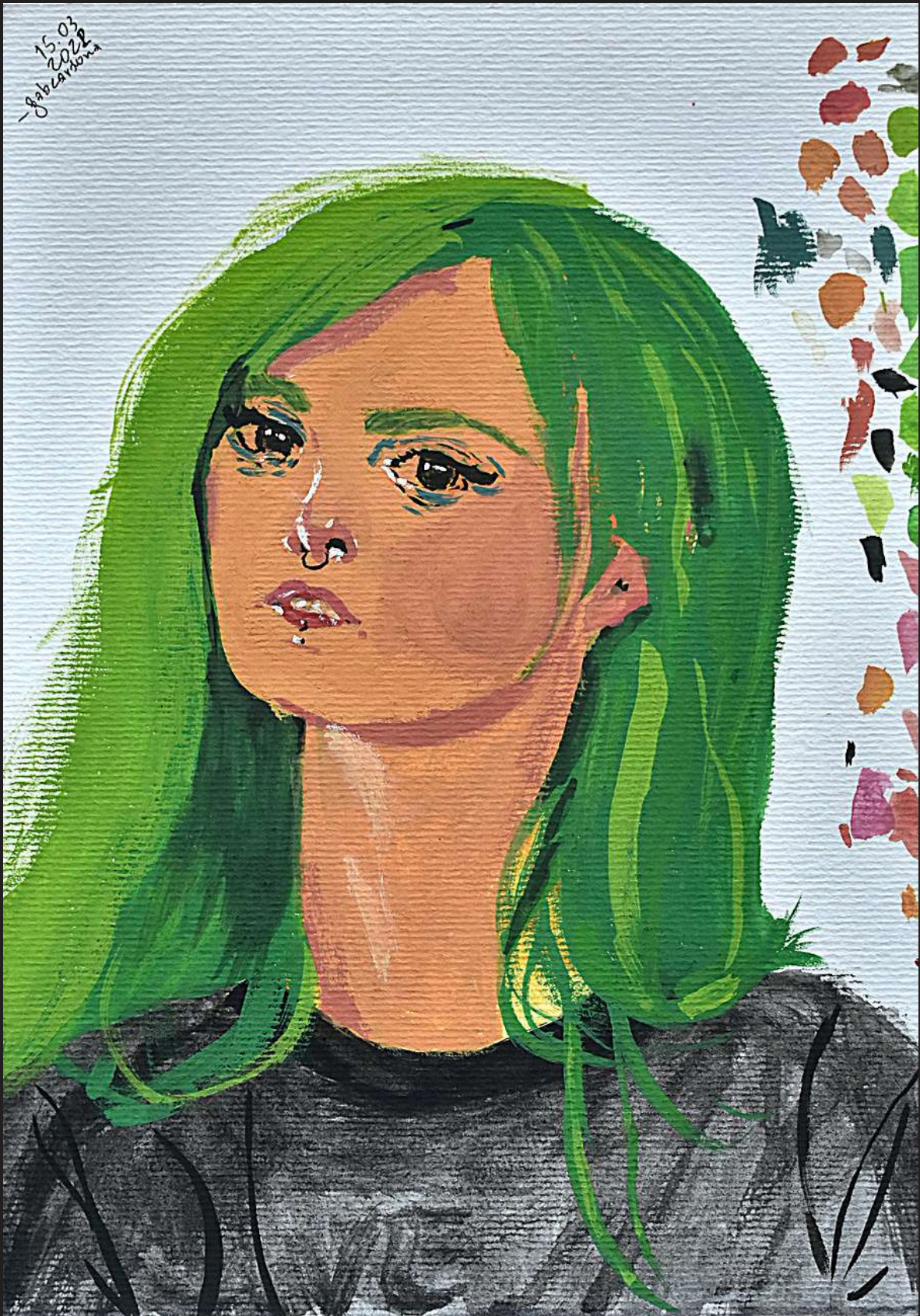
Guache sobre papel, 2022

29,7 × 21 cm

por Luiz Gabriel Cardona

[@_gabcardona]

[AFETOS] / LETÍCIA PUSTI



[AFETOS] / FLÁVIA SAYURI (SASA)

Guache sobre papel, 2022

29,7 × 21 cm

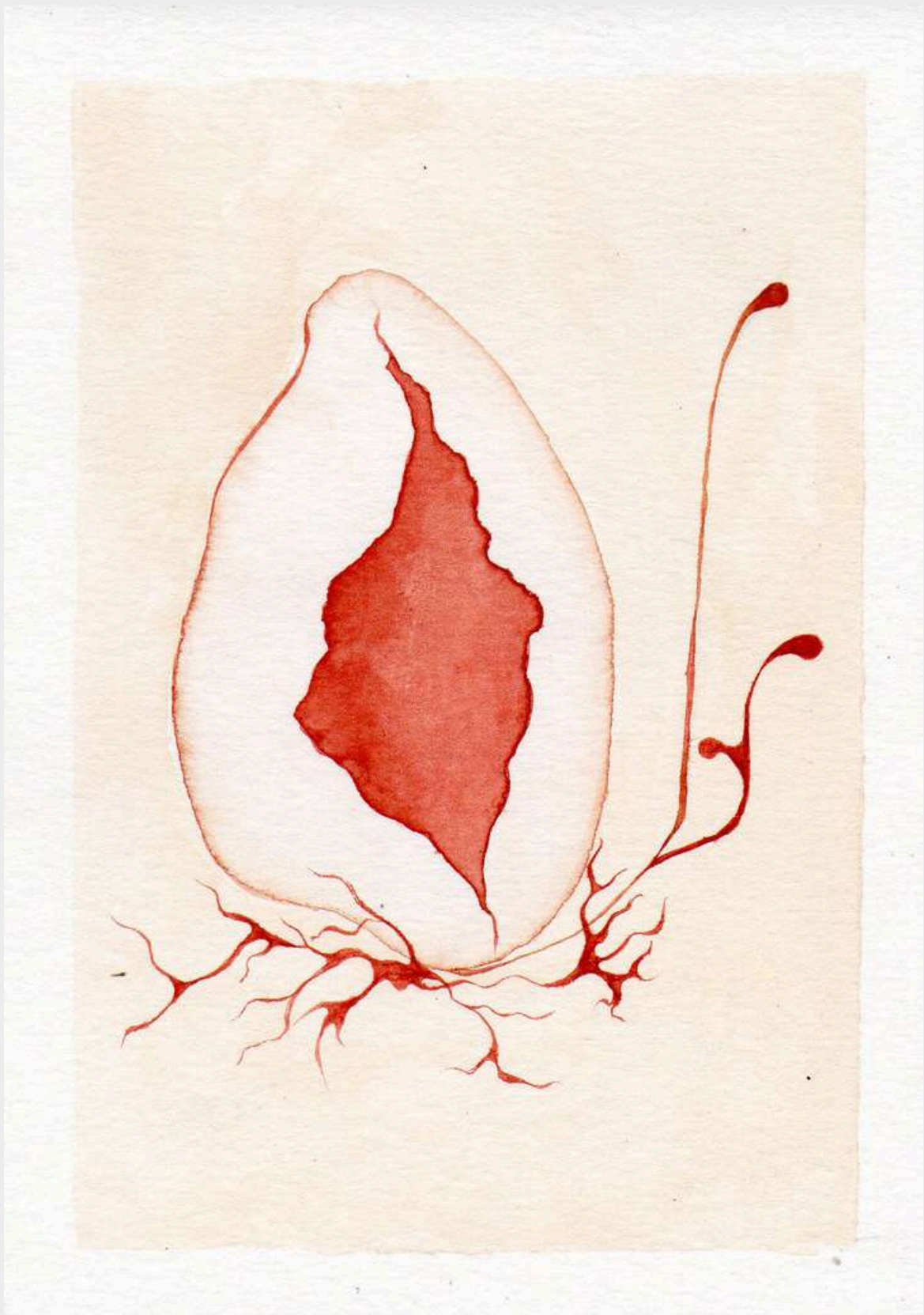
por Luiz Gabriel Cardona

[@_gabcardona]

“Seu trabalho é de água” - me disseram. E eu concordo. Apesar de enxergar e sentir tanto e não conseguir exprimir nada, eu sei que ele é de água, que ele é mole, que ele é leve, suave, sensível. Mas também sei que ele arde. Gosto de trazer a ardência para o meu fazer artístico, vez ou outra em meio a abstrações encontro medusas, que coincidentemente também ardem.

Sou destra e quando menor tive uma queimadura grave de medusa na mão direita, será que reverbera? Será que o fazer de água não é um resgate à minha primeira ardência de mundo enquanto lição? Ardência essa que queima dentro d'água, ardência inapagável.

Será que o meu fazer de água não procura, numa tentativa falida, apagar o fogo dessa ardência? Ou será que tenta reviver, na minha pele, a memória do que ardeu? Talvez não procure nada disso, talvez seja por ser. Talvez signifique muito, talvez não signifique nada, talvez signifique tudo e nada. Dentro de tantas incertezas e conceitos aplicados e reaplicados e justos e desajustados, a única certeza que fica é que é de água. E arde. Arde para além de mim.



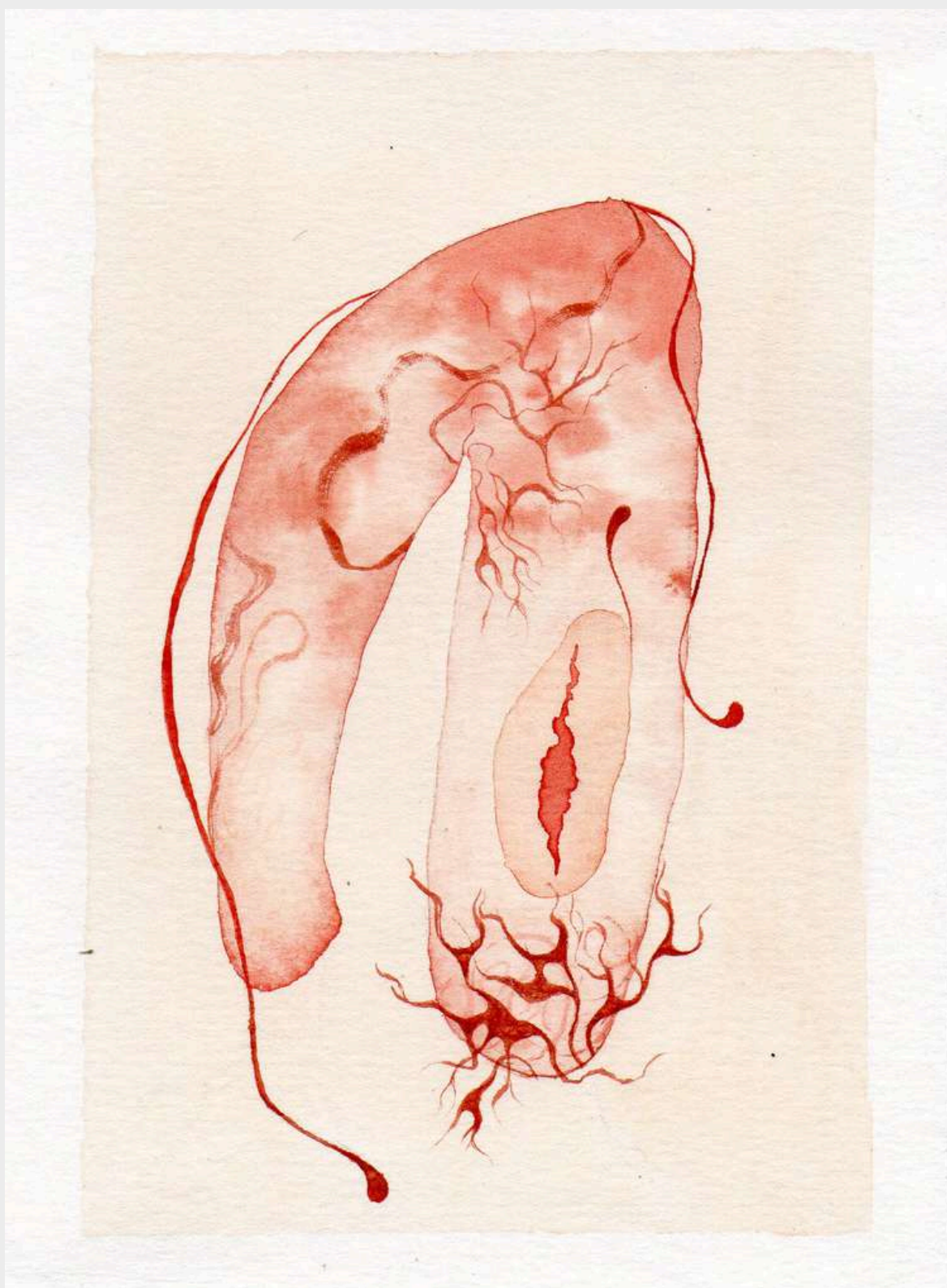
[ÁQUEO] / ABUSO

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



[ÁQUEO] / ARRASO

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



[ÁQUEO] / ACOSTADO

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



[ÁQUEO] / ALASTRO TEMPORAL

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



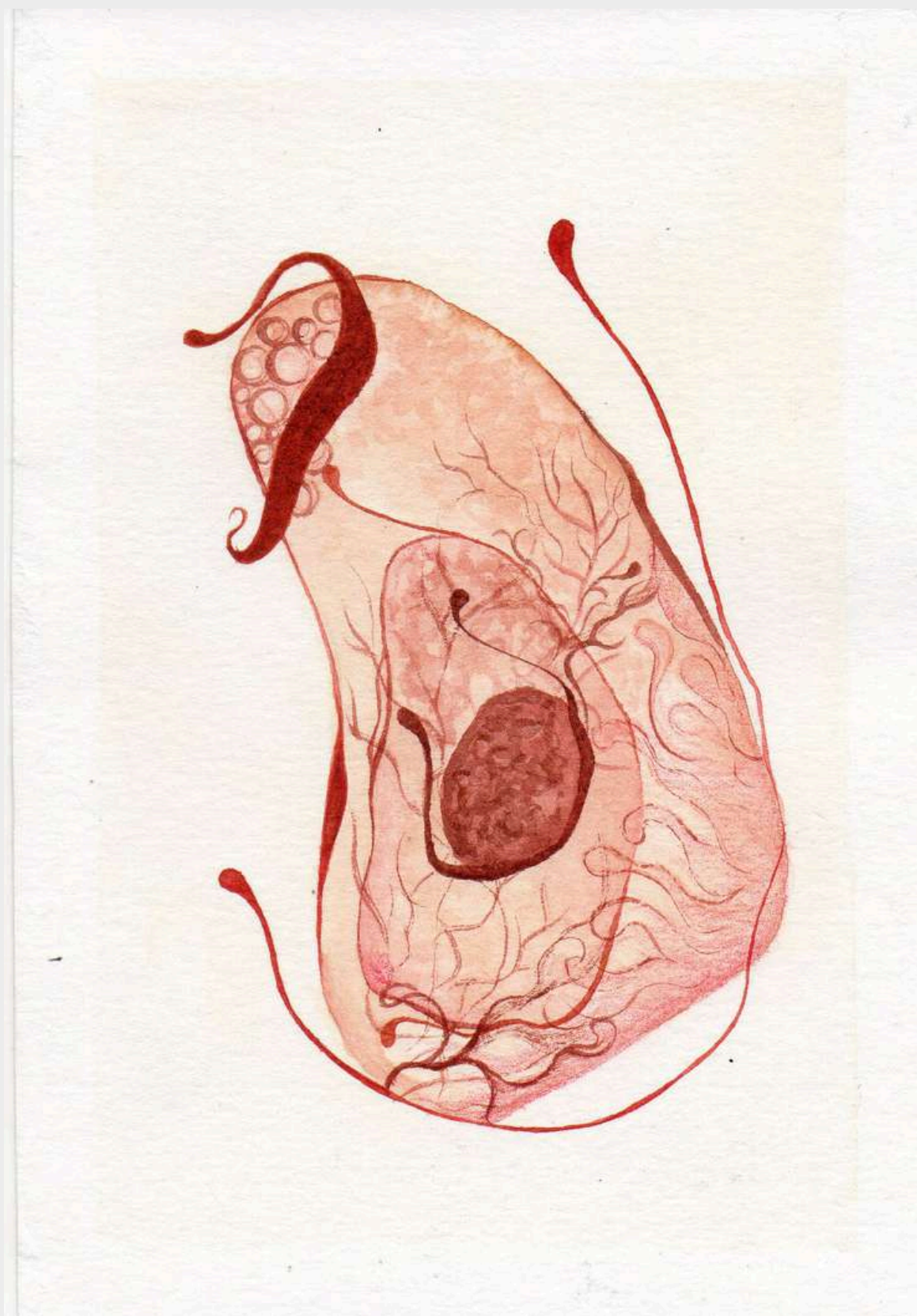
[ÁQUEO] / AGUDA SANGRIA

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



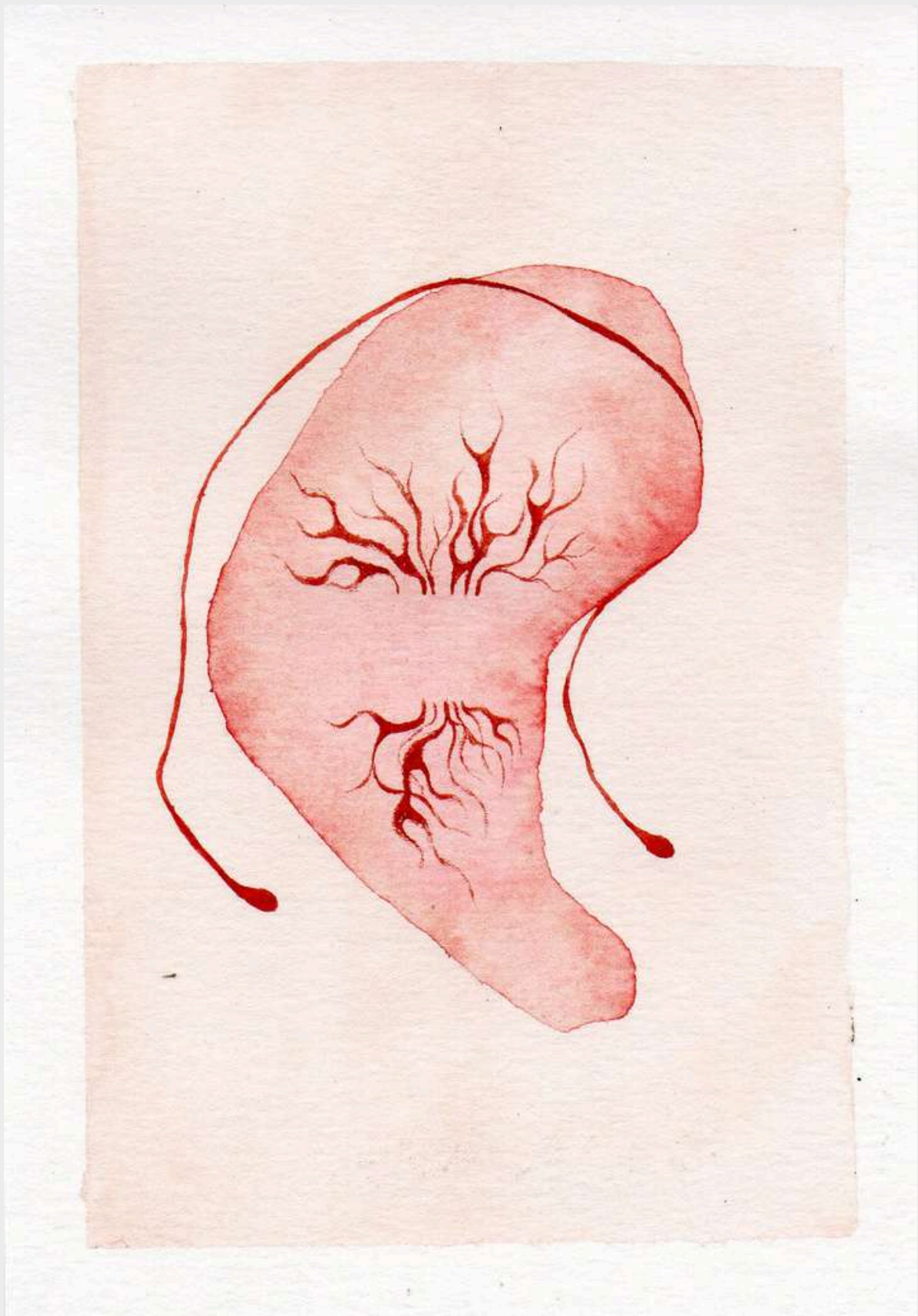
[ÁQUEO] / ARBITRÁRIA SECUNDIDA

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



[ÁQUEO] / ABORTO

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



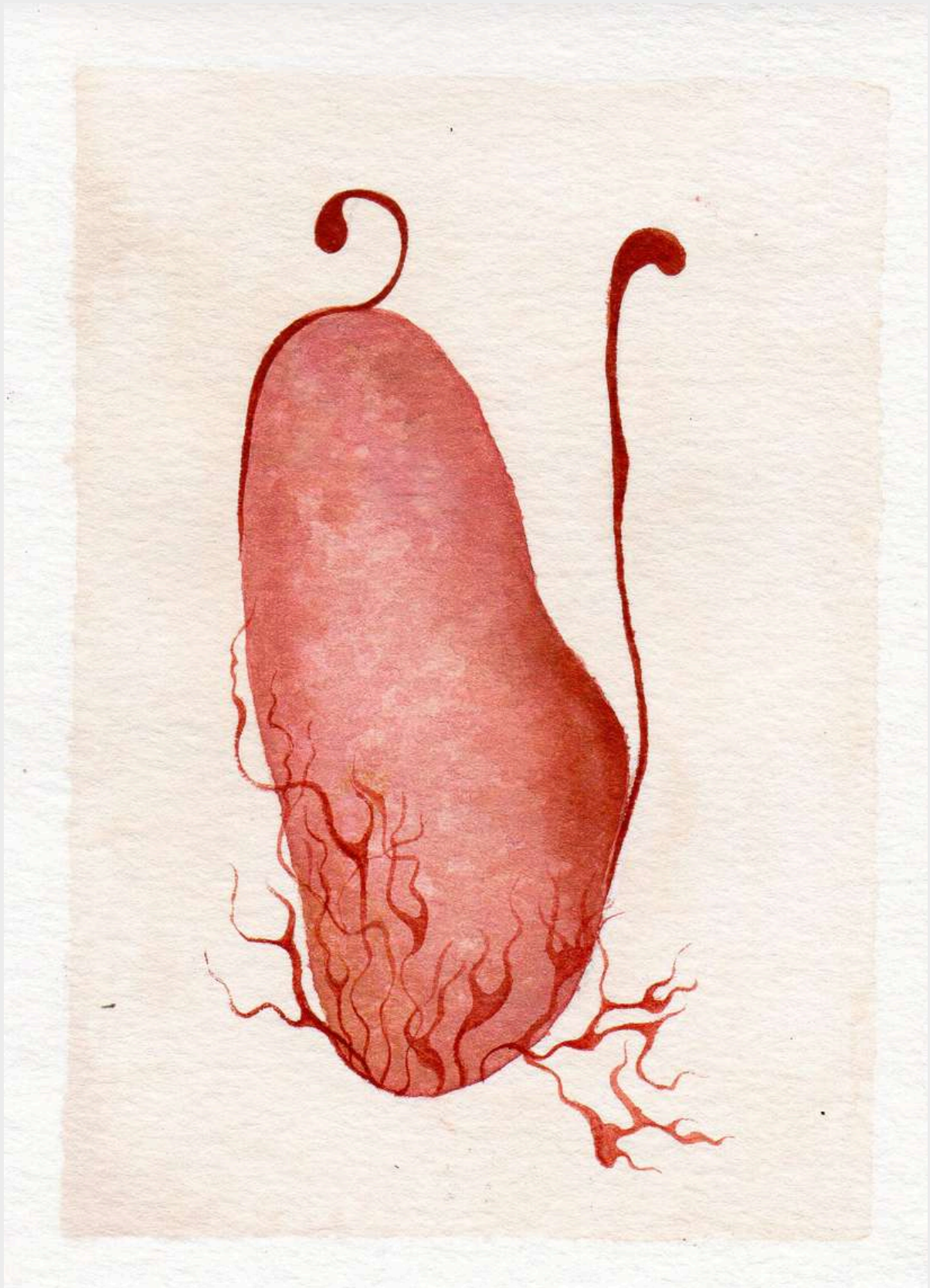
[ÁQUEO] / ABRUPTA CESURA

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



[ÁQUEO] / ABALO ETERNO

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

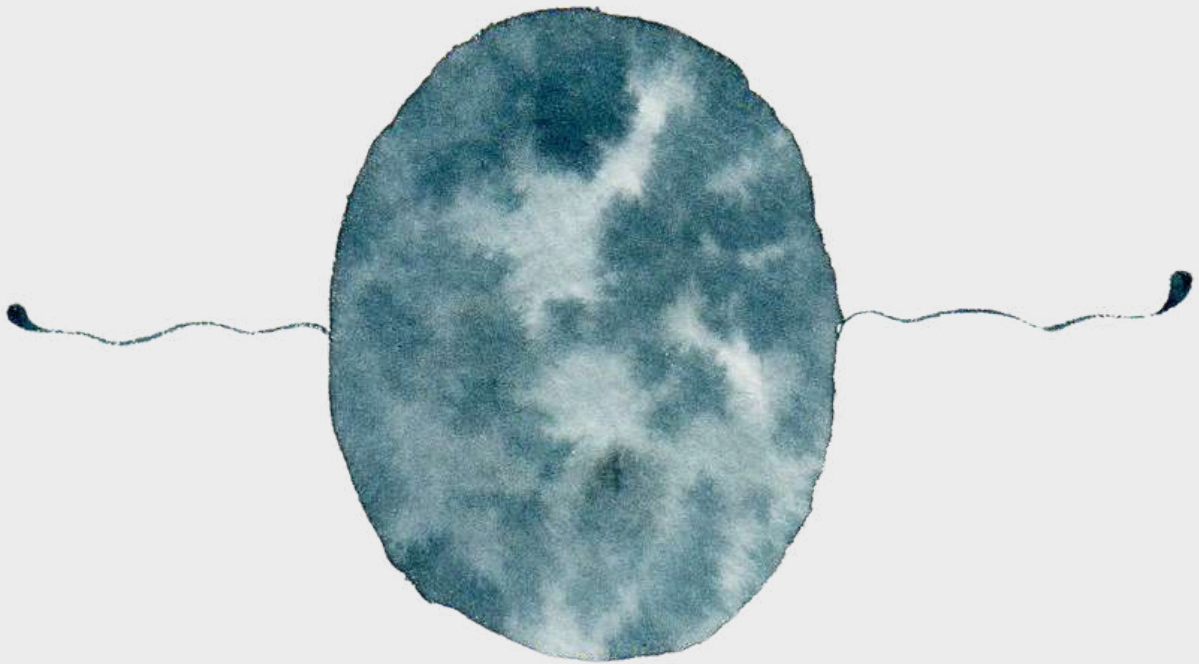
[@shavannaluiza]

Nada. Passei horas frente a esta imagem ardida e não consegui pensar em nada que pudesse preencher a lacuna e transformar o sentir em algo, pelo outro, absorvível. Ainda não foram inventadas palavras que possam exprimir o que ela provoca em mim, nada existe que seja capaz de conceituar, nada é suficientemente brusco. Se dentro do tanto que se sente, o nada foi a descrição possível mais próxima do que se pode ser, pois o que se é não se sabe, falarei então sobre como ele, o nada, foi fundamental para a construção imagética e poética desta imagem.

Questionada várias vezes acerca do que estava a pintar, “nada” era sempre a resposta e sempre seguida de “como nada?”, “não pode ser nada”. Mas quem disse que não pode?

Refletindo acerca do tudo que cabe dentro do nada, pensei transparências, nervuras, ardências, contaminações, choques térmicos, perda de morno, ganho de frio. Aquarelar nos permite o existir profundo em pinceladas rasas, rasas a ponto de ver, ainda, o papel mas enxergar para muito além dele.

As frias nervuras que ardem e invadem o outro corpo, fazendo que ele perca o morno e torne-se contaminado, contagiado. Fazendo com que arda e cause repulsa. E que por mais que se aparte, ou tente, está unido ao outro pelo que arde.



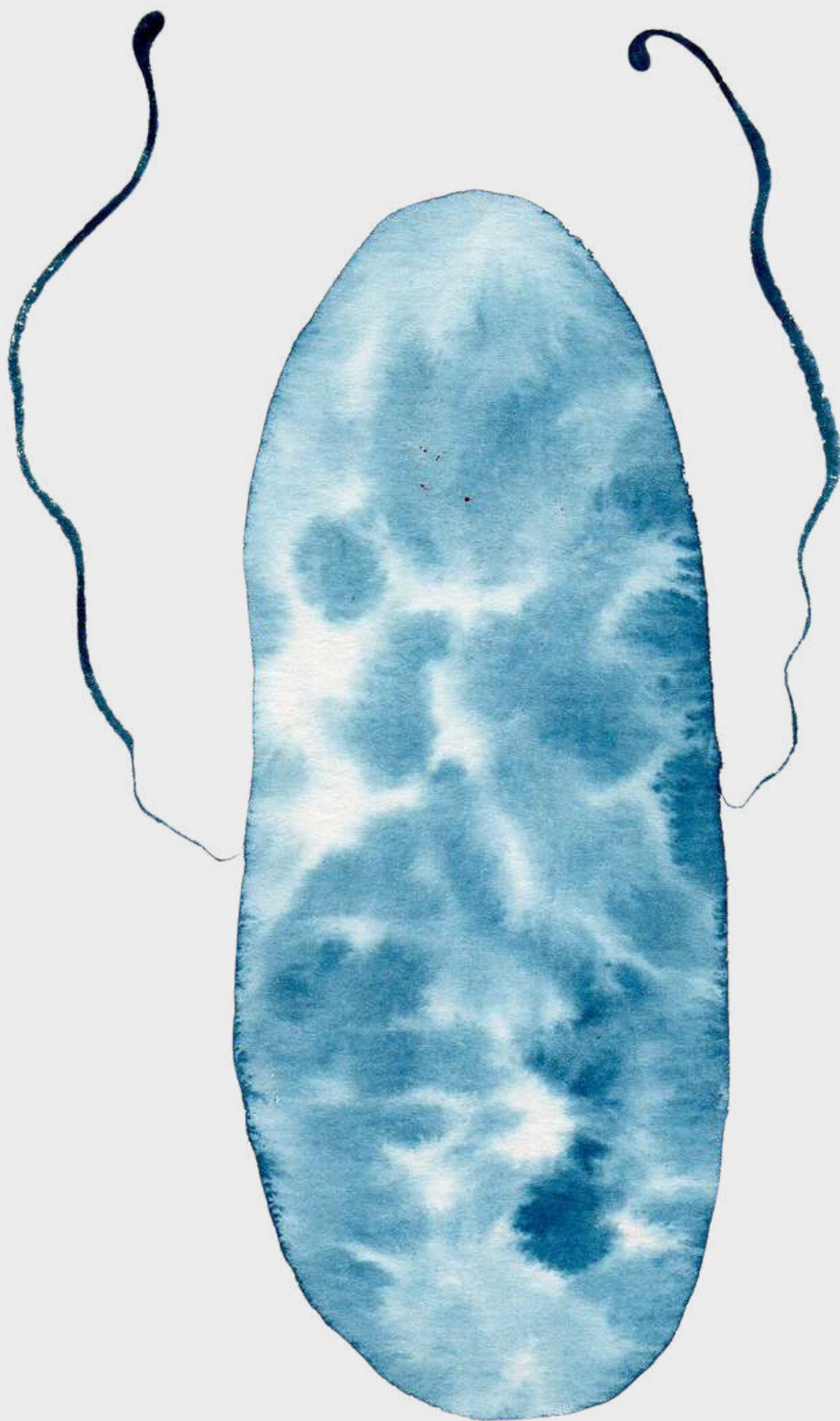
[AS CORES DO DESA(FETO)] / INFÂNCIA

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



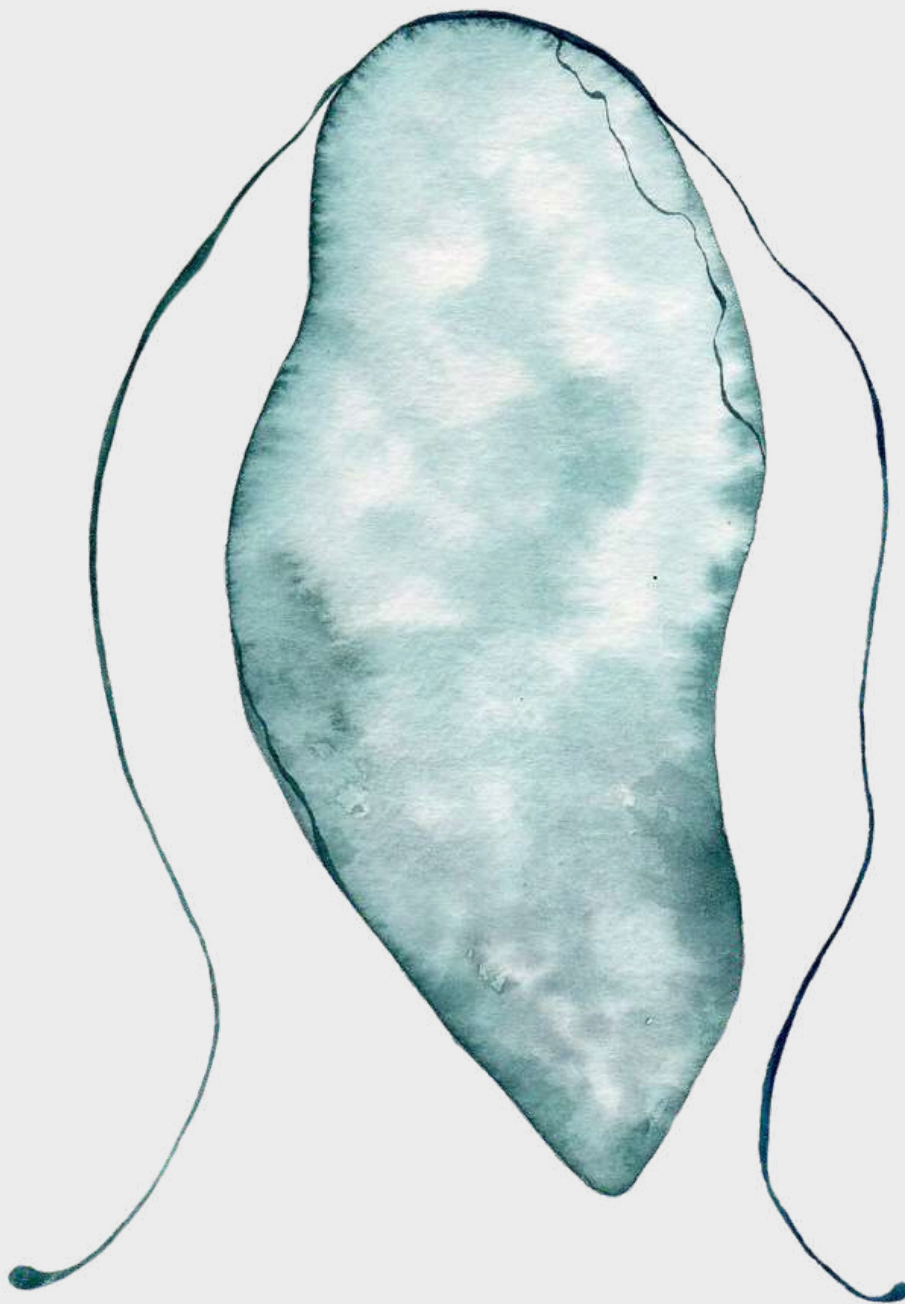
[AS CORES DO DESA(FETO)] / ADOLESCÊNCIA

Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



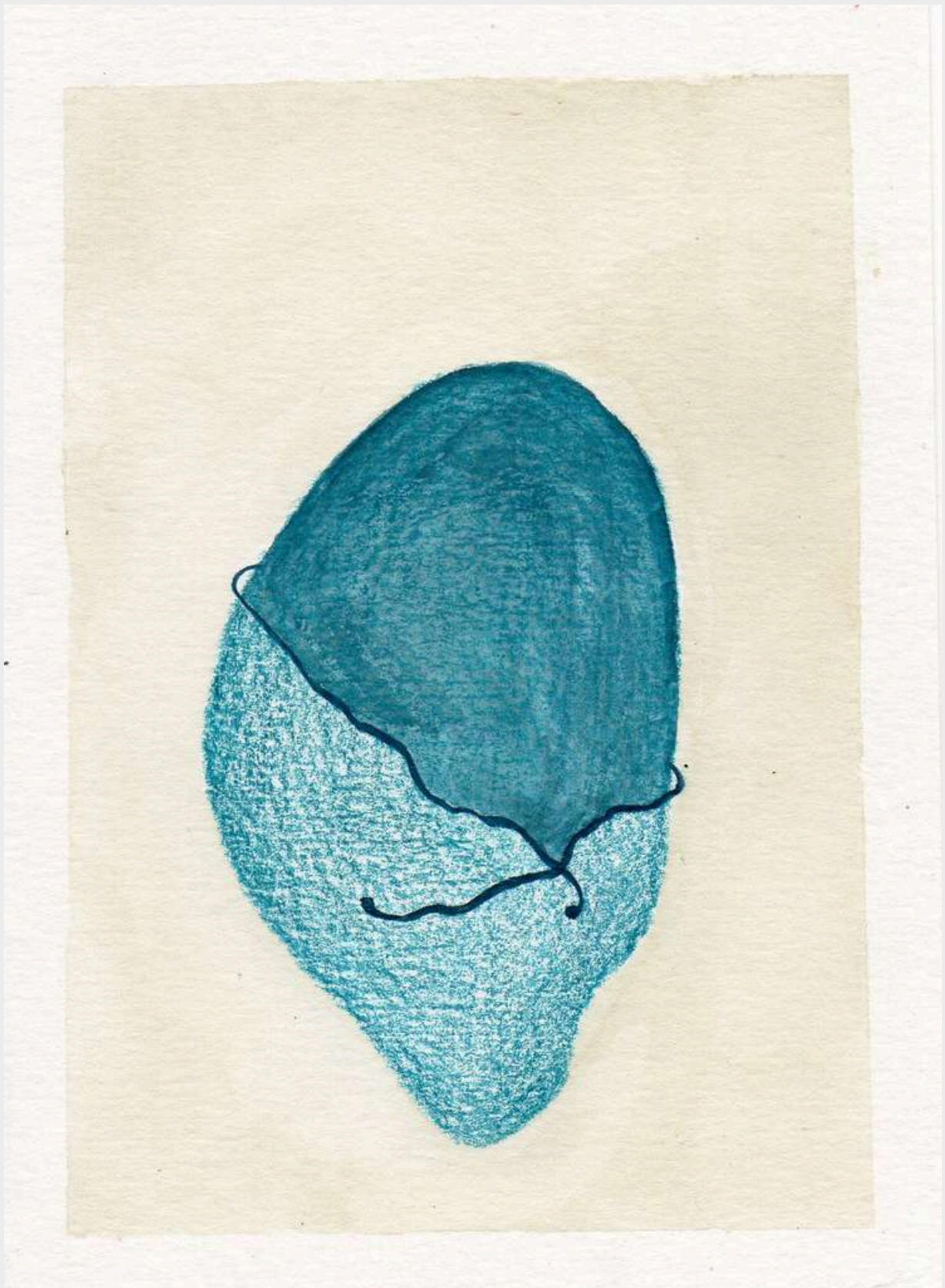
Aquarela sobre papel, 2022

25 × 16,3 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]

[AS CORES DO DESA(FETO)] / JUVENTUDE



Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]

[AS CORES DO DESA(FETO)] / JUVENTUDE



[AS CORES DO DESA(FETO)] / ULTRASSOM

Aquarela sobre papel, 2022

6,4 × 6,3 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



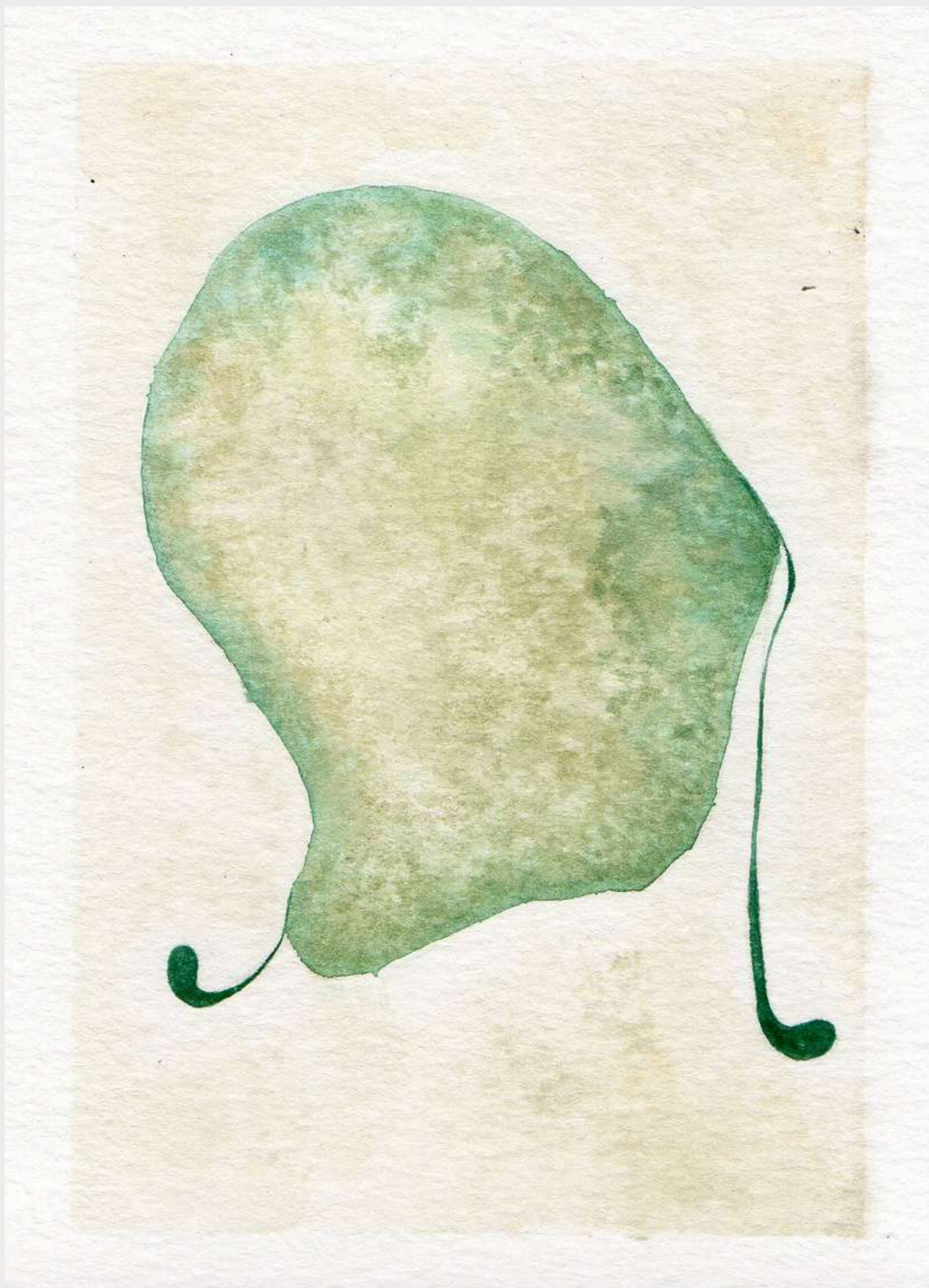
[AS CORES DO DESA(FETO)] / UMBILICAL

Aquarela sobre papel, 2022

8,6 × 7,1 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]

[AS CORES DO DESA(FETO)] / RESGUARDO



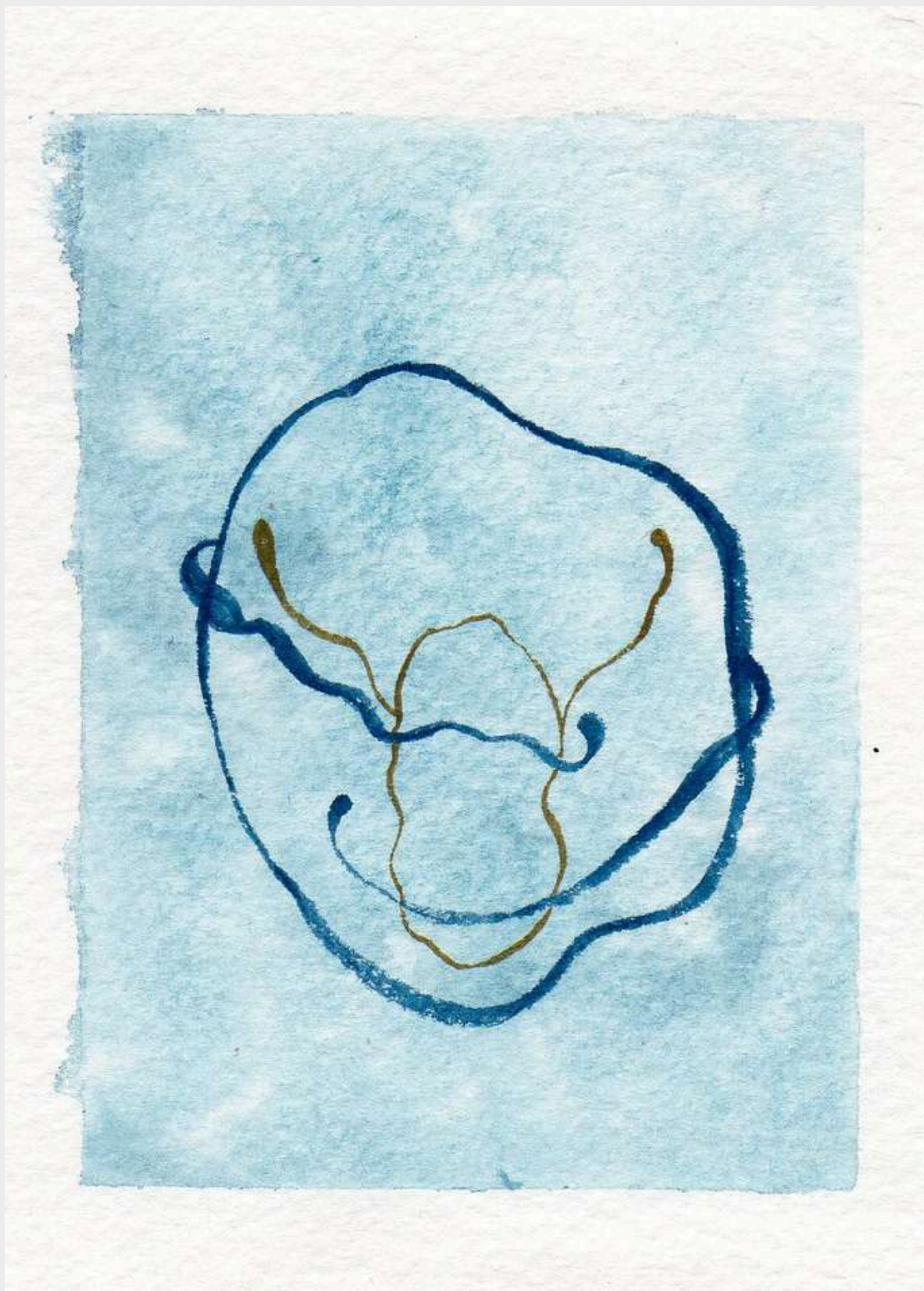
Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]

[AS CORES DO DESA(FETO)] / RESGUARDO \ 2



Aquarela sobre papel, 2022

10,2 × 8 cm

[AS CORES DO DESA(FETO)] / RECÉM PARIDO

por Shavanna

[@shavannaluiza]



Aquarela sobre papel, 2022

14,8 × 10,5 cm

[AS CORES DO DESA(FETO)] / TRELA EM BRANCO

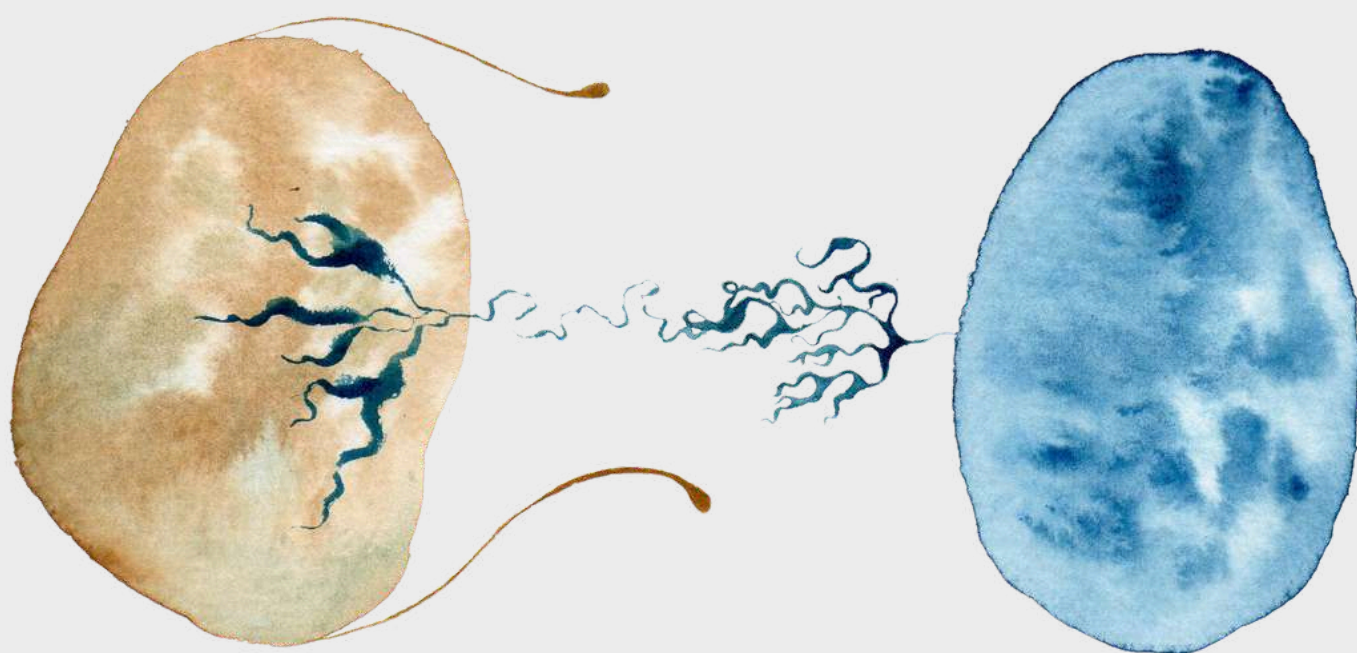
por Shavanna

[@shavannaluiza]



[AS CORES DO DESA(FETO)] /
MARCAS QUE NÃO SÃO DE NASCENÇA

Aquarela sobre papel, 2022
14,8 × 10,5 cm
por Shavanna
[@shavannaluiza]



[AS CORES DO DESA(FETO)] / VIDA MARIA

Aquarela sobre papel, 2022

16,3 × 25 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]



Aquarela sobre papel, 2022

32,4 × 25 cm

por Shavanna

[@shavannaluiza]

[AS CORES DO DESA(FETO)] / ARDÊNCIA

As formas que desenvolvi ao longo de minhas produções me levaram a explorar a ideia de territorialidades, espaços orgânicos a serem preenchidos, compreendidos e contemplados.

São mapas imaginários, repletos de rachaduras e falhas geológicas que eu desbravo para descobrir aspectos do meu passado e da minha identidade, pois são lugares que crio e que também fazem parte de mim.

É nesses terrenos irregulares, íngremes e movediços, através dos abismos e fissuras causados pela tectonia dos meus passos sobre meu corpo-espaço, que mergulho nos territórios da minha existência.



Aquarela sobre papel, 2022

32,3 × 50,5 cm

por Davi A. Castilho

[@davi.castilho2000]

[CORPO-ESPAÇO] / SEM TÍTULO



[CORPO-ESPAÇO] / SEM TÍTULO

Aquarela sobre papel, 2022

32,3 × 50,5 cm

por Davi A. Castilho

[@davi.castilho2000]



Aquarela sobre papel, 2022

50 × 65 cm

por Davi A. Castilho

[@davi.castilho2000]

[CORPO-ESPAÇO] / SEM TÍTULO



[CORPO-ESPAÇO] / SEM TÍTULO

Aquarela sobre papel, 2022

50 × 65 cm

por Davi A. Castilho

[@davi.castilho2000]



Aquarela sobre papel, 2022

50 × 65 cm

por Davi A. Castilho

[@davi.castilho2000]

[CORPO-ESPAÇO] / SEM TÍTULO

O fio condutor para minha visão de mundo e para minhas produções artísticas é a poesia, especialmente de Manoel de Barros.

O conteúdo expressivo das minhas aquarelas tem raízes em várias naturezas, mas é uma natureza sem nome, é o meu idioma imagético, a voz da minha própria natureza.

Assim, traduzo em termos pictóricos e poéticos, meus sentimentos, minhas memórias, e minhas vivências, e faço um convite, para que os outros enxerguem além do que se vê.

Então, mergulhe, a beleza mora nos pequenos detalhes.



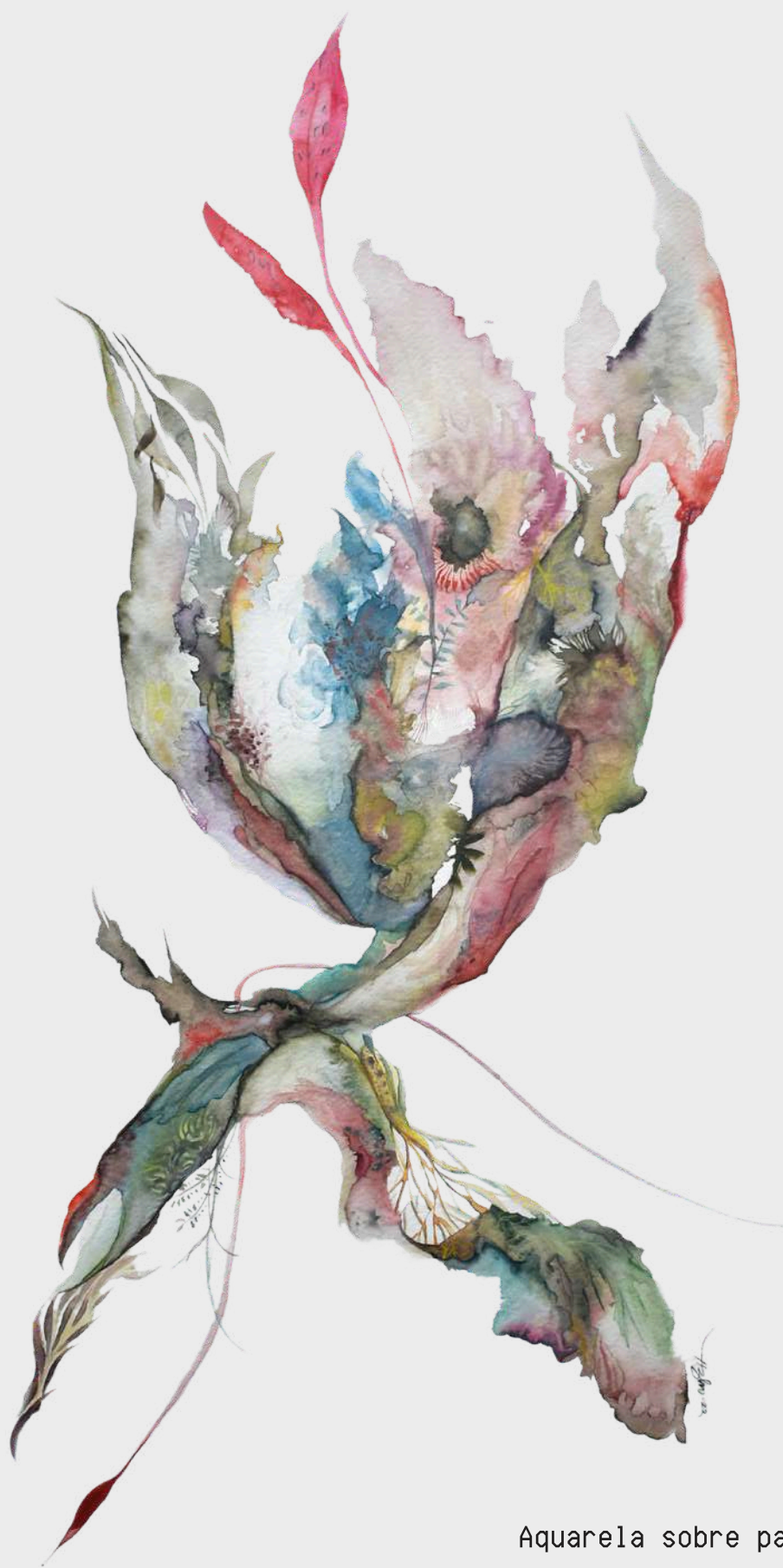
[SEM TÍTULO]

Aquarela sobre papel, 2022

65 × 50 cm

por Beatriz Barros

[@beatrizbarrosln]



[SEM TÍTULO]

Aquarela sobre papel, 2022

32,5 × 25 cm

por Beatriz Barros

[@beatrizbarrosln]



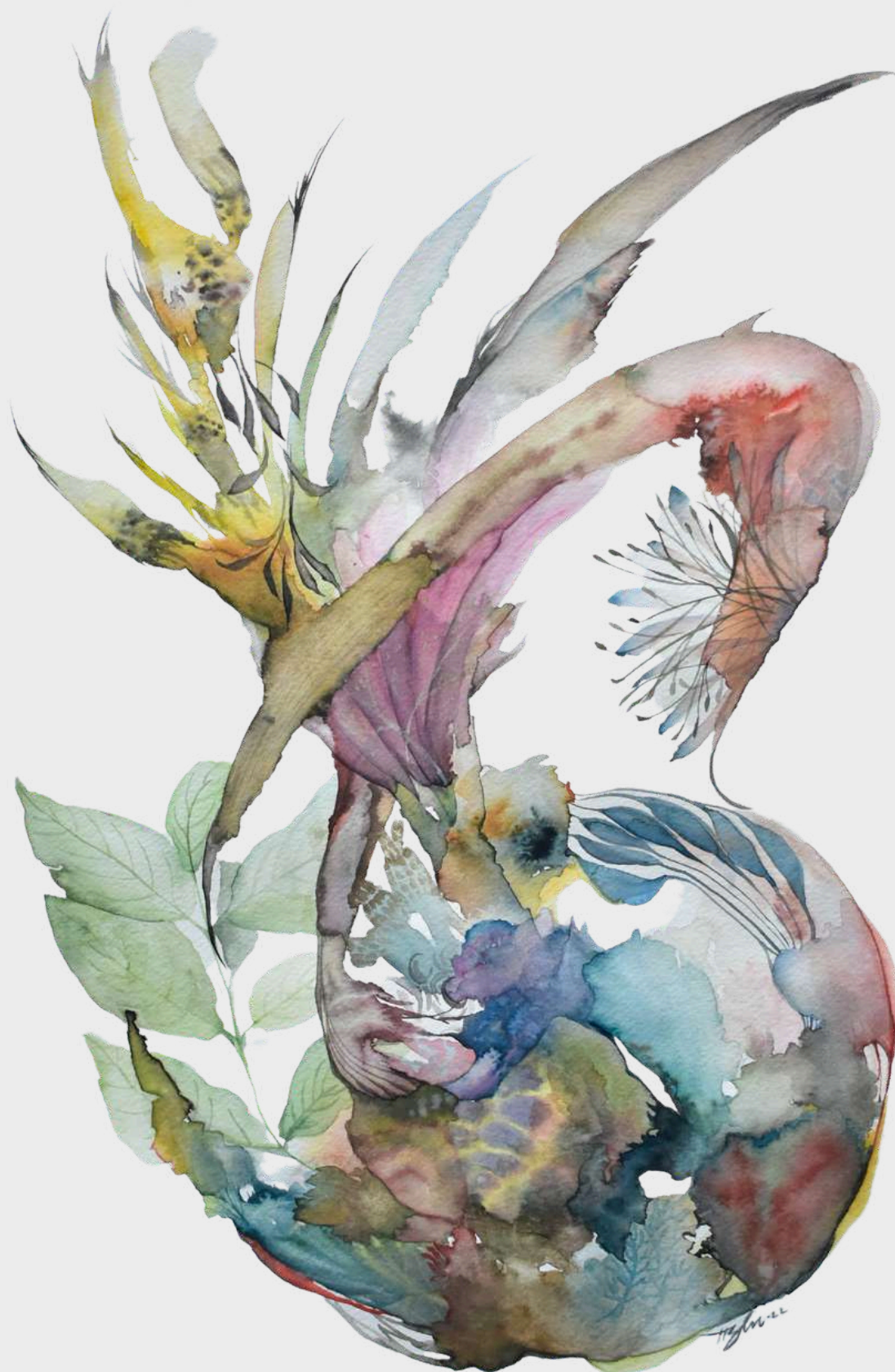
[SEM TÍTULO]

Aquarela sobre papel, 2022

32,5 × 25 cm

por Beatriz Barros

[@beatrizbarrosln]



[SEM TÍTULO]

Aquarela sobre papel, 2022

32,5 × 25 cm

por Beatriz Barros

[@beatrizbarrosln]

[SEM TÍTULO] por BETE GOUVEIA

Pela nossa própria vivência, sugerimos a pintura como uma operação de resistência. Nossa sugestão se deve, essencialmente, ao fato de o exercício da pintura ser intimamente relacionado com a natureza de um intervalo.

Porém, diferentemente da situação de intervalo que vivenciamos por ocasião da pandemia, cujas perspectivas são permeadas pela morte, o intervalo no processo de criação em pintura é um intervalo pleno de potência vital.



[SEM TÍTULO]

Aquarela sobre papel, 2022


24,2 × 32 cm

por Bete Gouveia

[@betegouveia]



**ONDE
TERMINA
A
PINTURA?**



**EXPOSIÇÃO COLETIVA, COM
CURADORIA COMPARTILHADA
ENTRE OS ARTISTAS
INTEGRANTES**

ORGANIZAÇÃO DE BETE GOUVEIA

**PROJETO EDITORIAL
EXPOGRÁFICO E CURATORIAL
POR GABRIEL DIONÍSIO e
LEONARDO BERTRAND**

**MONTAGEM por ANA PAULA
CRISPIM, AIKO HATAYAMA, DAVI
A. CASTILHO, GABRIEL DIONÍSIO,
IGOR COSTA, JOAOJ, LEONARDO
BERTRAND, LUIZ GABRIEL
CARDONA, MELLANIE
NASCIMENTO, PAULO ARRUDA,
PEDRO BEZERRA, RAQUEL
NEUENCHWANDER e SHAVANNA**

**REALIZADA NA GALERIA
CAPIBARIBE, NO CENTRO DE
ARTES E COMUNICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE
PERNAMBUCO, ENTRE OS DIAS 06
E 29 JULHO DE 2022**

COLÉGIO CAPIBARIBE

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
PERNAMBUCO, 2022



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

galeria
CAPIBARIBE

CAC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO